



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



Instituto de Comunicação e Informação
Científica e Tecnológica em Saúde

Especialização em Comunicação em Saúde

**A AIDS E AS IGREJAS EVANGÉLICAS: ENTRE A FÉ E A
RAZÃO**

Amanda Gonçalves Simões Soares

Orientadora: Inesita de Araújo Soares

Rio de Janeiro, 2008

AMANDA GONÇALVES SIMÕES SOARES

A Aids e as Igrejas Evangélicas: entre a fé e a razão

Projeto de pesquisa
apresentado ao Instituto de Comunicação e Informação
Científica e Tecnológica em Saúde
como requisito parcial para obtenção
do título de Especialista em Comunicação e Saúde

ORIENTADORA
Inesita Soares de Araújo

Rio de Janeiro, 2008

À família e amigos.

Agradecimentos

A Deus, por me dar força e capacidade, porque sem Ele, jamais teria conseguido.

À minha querida professora e orientadora, por acreditar nos meus objetivos e ideais.

Ao meu esposo, pela ajuda e carinho. Por mais uma vez vestir a camisa comigo.

À minha mãe, pela paciência e apoio.

Enfim, agradeço a todos os meus amigos que me apoiaram durante todo o curso e torceram pela minha vitória.

“A ignorância é uma enfermidade;
o conhecimento deve ser sua cura.”
Richard Baxter

Lista de anexos

Anexo I

ABIA – Respostas religiosas à epidemia de HIV/Aids no Brasil: Projeto de Pesquisa e Intervenção 55

Anexo II

Bráulio 56

Anexo III

O Diabo e o Anjo 57

Anexo IV

Pela camisinha não passa nada. Use e confie 58

Anexo V

Com esta roupa eu vou! 59

Lista de Siglas

ABIA – Associação Brasileira Interdisciplinar da Aids.

AIDS – Síndrome da Imunodeficiência Adquirida.

CDD – Grupo de Católicas pelo Direito de Decidir.

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

CNS – Conferência Nacional de Saúde Pública.

CTI – Centro de Tratamento Intensivo.

DST – Doenças sexualmente transmissíveis.

FEBEM – Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor.

GAPA – Grupo de apoio à prevenção da Aids.

HIV – Vírus da Imunodeficiência Humana.

IBASE – Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

ICICT – Instituto de Comunicação e Informação Científico e Tecnológico em Saúde.

IPEC – Instituto de Pesquisa Evandro Chagas.

MS – Ministério da Saúde.

ONG – Organização não-governamental.

OMS – Organização Mundial da Saúde.

PNSDT/Aids – Programa Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis/ Aids.

SES – Secretaria Estadual de Saúde.

SMS – Secretaria Municipal de Saúde.

UNAids – *Joint United Nations Programme on HIV/Aids*.

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância.

Sumário

1	Introdução	09
2	Justificativa	15
2.1	Panorama histórico do enfrentamento das igrejas diante da Aids.....	16
2.2	Da necessidade da investigação	35
3	Delimitando o problema	37
4	Objetivos.....	41
4.1	Objetivo Geral.....	41
4.2	Objetivo Específico	41
5	Embasamento Teórico	42
6	Metodologia	48
6.1	Mapeamento do Mercado Simbólico	49
6.2	Análise de Discurso	50
7	Cronograma das atividades	51
8	Referências Bibliográficas	52
9	Anexos	54

1. Introdução

Vivo em busca de um sonho, de querer fazer alguma coisa que possa contribuir para a minha vida como profissional e como ser humano. Diante de uma realidade incerta e de tão poucas informações específicas sobre a Aids no meio evangélico, o desejo que já existia apenas em pensamento começou a ganhar forma e viver intensamente dentro de mim. Viver apenas para o nosso próprio egocentrismo talvez justifique algumas injustiças sociais. Diante disso, desejo ocupar um espaço não apenas para preencher um “vazio”, e sim para ser capaz de exercer meu papel como cidadã, que tem em mente não só um ponto de vista, mas uma missão!

Tudo começou quando passei na prova para fazer parte de um projeto interno da FIOCRUZ/ IPEC - fundação criada pelo Médico Pesquisador Oswaldo Cruz para o tratamento de doenças Infecto-Contagiosas e Parasitárias. Durante dez anos da minha vida trabalhei na área de enfermagem, precisamente no Centro de Tratamento Intensivo (CTI). E foi exercendo essa função no Instituto de Pesquisa Evandro Chagas (IPEC) que passei a trabalhar pela primeira vez com pacientes portadores do vírus da Aids. Então comecei a desenvolver um novo olhar sobre a doença.

Passei a me interessar pela Aids e ver que não se tratava somente de um quadro clínico comprometido. Há uma carga de complexas atividades que giram em torno do seu tratamento. Estudando mais sobre a doença, lendo sobre a sua história no Brasil e no mundo, pude entender um pouco mais sobre a gama de dificuldades que estavam envolvidas nesse processo, principalmente no que diz respeito à comunicação.

A relação entre a Comunicação e a Aids foi construída ao longo do tempo, no campo da Saúde, com base em muitas discussões, através de Conferências Nacionais e Internacionais, inclusive através do reconhecimento em lei do direito do cidadão à informação. Na tentativa de informar e educar a população o governo passou a produzir campanhas preventivas que acabou produzindo sentidos diferentes, que logo começou a causar muita polêmica entre as igrejas cristãs. As Igrejas associavam a patogenia da Aids com o “desequilíbrio de comportamento”

devido ao alto índice de pessoas contaminadas serem homossexuais, usuários de drogas injetáveis e profissionais do sexo.

As campanhas de prevenção sempre davam destaque ao enfoque sobre a transmissão da doença através de contágio sexual. A questão da sexualidade era o ponto de maior dissenso e repercussão negativa no âmbito religioso, devido à menção sem restrições ao sexo fora do casamento e práticas não aceitáveis pela doutrina cristã. Tais elementos impediam, na maioria das vezes, que a igreja apoiasse as campanhas preventivas na luta contra a Aids.

Em crítica à campanha que estimulava o uso da camisinha nas relações sexuais, Dom Luciano Mendes de Almeida, presidente da CNBB disse:¹

“Não há motivo para apoiar uma campanha de prevenção à Aids que faça o aconselhamento do uso da camisinha como forma de se evitar o contágio via pessoal. O mais importante é dar destaque à educação da população no sentido de que faça uso ordenado do sexo dentro da vida conjugal, evitando as relações ilícitas.”

As brigas e discussões entre a Igreja e o poder público não foram suficientes para evitar que a Aids ganhasse novos espaços. Já não se tratava apenas de um “grupo de risco” como era considerado na década de 80, pois a doença alcançou ricos e pobres, homens e mulheres, homossexuais e heterossexuais. Mesmo com aumento do número de mortos e pessoas dos diversos campos sociais sendo contaminadas, a Igreja Católica não desistia de interferir nas campanhas preventivas quando o assunto era o uso de preservativo.

O panorama histórico da relação das Igrejas cristãs com a Aids nos mostra uma divisão de pensamentos e realidades diferentes, com maior relevância nas décadas de 80 e 90. Em primeiro lugar as Igrejas Cristãs se dividiam em suas origens, ou seja: cristã católica e cristã protestante. A Igreja Católica acabava sendo influenciada pelas Leis impostas pelo Vaticano, que pressionavam constantemente as ações preventivas apresentadas pelo governo. Já as Igrejas Protestantes, conhecidas também como Evangélicas se dividiam em segmentos diferentes, como por exemplo: Batista, Assembléia de Deus e Universal do Reino de Deus. Algumas igrejas acreditavam na “cura divina”, outras tinham preconceito, e as ações em benefício da causa eram raras.

¹ Jornal Folha de São Paulo (06.02.88) *apud* (NETO, 1999)

Movida à base de muita disputa, incertezas, discussão, religião, insatisfação, intolerância, preconceito, medo e morte, assim foram criados os cenários da Aids entre as Igrejas. A Igreja Evangélica ganhou destaque nesse cenário, através do poder da cura, movida pela Fé. Já a Igreja Católica se destacou por suas inúmeras disputas pelo poder de suas leis. Impondo seus dogmas, a Igreja Católica conseguia ganhar espaço na mídia através da sua fala sempre ecoada do Vaticano.

Contudo, existia o tema ativador de ambos os lados religiosos: a sexualidade. Vista como sagrada dentro do cristianismo, ela se fazia vital na procriação da humanidade. Quando ganhava dimensões fora do plano biológico, ela passaria a interagir com os aspectos emocionais, sociais e psicológicos². Ao longo da história, a sexualidade passava a influenciar as atitudes e o comportamento humano, que acabou se mistificando, até se criar um tabu dentro da Eclésia, onde qualquer estímulo sexual passou a ser visto como pecado³.

De acordo com alguns fundamentos abordados em algumas matérias de revistas, sites e ONGs destinadas à população evangélica em 2007 percebia que a problematização da doença também estaria ligada ao “pecado” e à “culpa”.⁴ Como foi o caso de uma jovem que, ainda virgem e membro de uma igreja evangélica, casou com um rapaz “recém-convertido” que não sabia ser portador do HIV. A saúde desta jovem mulher veio piorando cada vez mais, quando descobriram que o marido havia contaminado a sua esposa. O pastor de sua igreja, por sua vez, fez a opção de excluir aquela família da igreja e, como desculpa disse que para este tipo de “pecado” não havia perdão! Segundo relatos daquela comunidade, a jovem mulher abatida e ferida pela rejeição de sua própria igreja, veio a piorar e falecer meses depois.⁵

Por outro lado, parecia existir outra visão cristã. Uma espécie de “igreja acolhedora”, como parecia ter sido no caso do presbítero da Igreja Assembléia de Deus Betesda que em depoimento à revista Eclésia, disse:

² A AIDS e Igrejas: um convite à ação. KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço: programa saúde e direitos – Projeto AIDS e Igrejas. Rio de Janeiro, 2005, p.8

³ A AIDS e Igrejas: um convite à ação. KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço: programa saúde e direitos – Projeto AIDS e Igrejas. Rio de Janeiro, 2005, p.8

⁴ Revista Eclésia, 2007 ed.119 p. 35

⁵ Revista Eclésia, 2007, ed. 119, p. 37

“Fui criado na igreja, mas após a morte de meus pais, afastei-me. A partir daí, acabei me envolvendo com mulheres e não me cuidei. Quando voltei aos caminhos do Senhor, já era tarde demais. Estava contaminado com o HIV. Entretanto, minha igreja me compreendeu, deu-me carinho e amor. Para mim, foi a verdadeira cura da Aids.” (p.36)

A Bíblia Sagrada apresenta discursos que trazem expressões como “esperança” e “salvação”, dizendo que *“todo aquele que aceitar a Jesus Cristo como seu Senhor e Salvador e for batizado,⁶ será salvo, não sendo mais condenado por seus antigos pecados.”⁷* Observando superficialmente este discurso, parecia existir um conflito entre dois lados, ou seja, um grupo de igrejas evangélicas que se movia diante da Aids e o outro grupo que rejeitava a sua existência, estando em conflito com o discurso da própria Bíblia, como foi destacado no primeiro caso citado.

Devido a essa demanda sobre assuntos polêmicos que envolvia a religião, o Ministério da Saúde promoveu em 2006 o Seminário de Aids e Religião - Desafios e Respostas do Campo Religioso no enfrentamento da Epidemia de Aids no Brasil – que se realizou em Brasília pelo PNDST/Aids. Com um discurso acolhedor, alguns evangélicos e estudiosos defenderam a questão do amor e da responsabilidade para com os doentes.⁸ Entre os palestrantes, vejamos o que diz o Mestre em Ciências da Religião Gedeon Alencar que participou da mesa de debate:

“Para mim especificamente, e para o grupo evangélico do qual participo, cura não é simplesmente uma intervenção divina no físico, é muito mais que isso. E também não é uma ação única de Deus no indivíduo. É um processo que acontece nas relações da integralidade do grupo; ninguém pode ser curado enquanto o grupo está doente. Portanto, igreja é um espaço de compartilhamento, caminhada e ajuda solidária. A meu ver, isso sim, é o que de fato prega o evangelho, na sintética frase de Jesus: *amai-vos uns aos outros!* Comunidade é algo intrínseco do cristianismo, ou dizendo de outra forma, o cristianismo jamais poderia ser exercido por uma pessoa ou para uma pessoa sozinha, pois ele somente se realiza em conjunto; nas relações entre pessoas envolvidas com outras.”

Outras igrejas usavam o discurso da “cura divina” acima de todas as coisas, fazendo com que as pessoas acreditassem que estavam curadas, deixando de tomar remédios para provar a sua fé. No meu dia-a-dia profissional, ouvia relatos de médicos infectologistas sobre a dificuldade de tratar pessoas contaminadas com o

⁶ Bíblia sagrada. Livro de Marcos, capítulo 16:16

⁷ Bíblia sagrada. Livro de Hebreus, capítulo 10:17

⁸ Revista Eclésia, 2007 ed.119 p.45

vírus da Aids, que se diziam evangélicas, pois muitas estavam deixando de tomar as medicações em nome da fé, acreditando estariam curadas. Desta forma a polêmica entre Aids e as Igrejas não se limitava apenas às questões morais e dos costumes cristãos, mas estava evidentemente incidindo sobre o comportamento de pessoas que colocavam em risco a sua própria vida!

Sendo evangélica eu já havia presenciado fatos intrigantes em relação ao tema, passei a pesquisar sobre assuntos que estivessem ligados à Aids dentro das Igrejas Evangélicas, percebendo que quase nunca se falava sobre esta questão. Apesar de encontrar pouco material para estudar este tema, conseguia identificar algumas polêmicas como: condenação, preconceito, cura divina, desistência do tratamento e morte, que infelizmente faziam parte da nossa sociedade. O que poderia estar causando tais fenômenos dentro das Igrejas? A falta de informação? Abuso de poder por parte de seus líderes?

O que chamava atenção no cenário da Aids em relação às Igrejas Evangélicas, é que a Igreja como instituição, é composta de segmentos diferentes (tradicionais, neo-pentecostais e pentecostais), que aparentemente teriam seus discursos firmados em um mesmo livro, na Bíblia Sagrada. Porém, quando esses discursos são lançados era como se houvesse uma disputa de sentidos, capaz de produzir separação entre seus próprios segmentos. O discurso sobre a “cura divina”, por exemplo, é o que parecia causar maior divisão entre as igrejas, pois alguns segmentos evangélicos supervalorizavam este fenômeno. E isso se confirmava entre os profissionais de saúde, pois diziam que em nome da fé, pessoas contaminadas com o vírus da Aids abandonavam o tratamento, que por consequência causava diversas complicações, levando até a morte.

A infecção pelo vírus da Aids continuava sendo um problema por não ser considerado apenas um problema de saúde pública, mas também por estar relacionada diretamente ou indiretamente com os aspectos legais, éticos, econômicos, sociais e religiosos⁹. Segundo NETO (1999) a Aids por onde percorria ocupava espaços e, provocava sentidos diferentes e marcantes por seus discursos representativos através do poder público ou por uma instituição religiosa, como se houvesse uma “disputa simbólica” pelo poder da fala, para que desse sentido ao que

⁹ A AIDS e Igrejas: um convite à ação. KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço: programa saúde e direitos – Projeto AIDS e Igrejas. Rio de Janeiro, 2005, p.18

a doença representava nesse espaço público. De acordo com o autor, a Aids ocupava um lugar relevante nas estruturas de sentidos dos jornais, ora pelo poder público, ora pela posição das igrejas diante das questões éticas e morais.

O tema “Aids e religião” causava inúmeras polêmicas no que diz respeito à educação, prevenção e tratamento da doença. Muitos eram os esforços e as ações de comunicação por parte do Programa Nacional de DST/ Aids, inclusive o de promover seminários sobre Aids e religião. Apesar de todo empenho do PNDST/Aids e da ciência na descoberta de novos remédios para aumentar a sobrevivência dos doentes, o histórico da Aids nas Igrejas Evangélicas nos aponta para uma realidade contraditória à ciência, onde muitas pessoas recorriam à fé em busca de um “milagre” deixando de lado a necessidade do tratamento e acompanhamento médico.

Este assunto tornava-se realidade em muitas Igrejas, e pouco eram os esforços diante do número de evangélicos que vinha crescendo e ganhando destaque. Segundo as estimativas do IBGE em 2005, quase 20% da população brasileira seria evangélica, totalizando 37 milhões de pessoas¹⁰. Baseado neste crescimento, por que não trabalhavam com a idéia de esclarecer e fazer com que esse grupo recebesse apoio e colaborasse mais no processo de mobilização em torno da Aids no Brasil?

Devido à falta de bibliografia que tratasse deste assunto e ao histórico preocupante entre as Igrejas em relação ao tema, esta pesquisa tem a proposta de estudar os contextos que envolvem a Aids nas Igrejas Evangélicas, mapeando a construção das verdades acerca da disputa simbólica aparentemente apresentada nas Igrejas, que são permeadas pelo discurso entre fé e a razão. E identificar de que forma esses discursos são legitimados entre seus membros.

Por fim, acredito que essa investigação possa proporcionar informações relevantes para a construção de um projeto de comunicação mais democrático que seja capaz de ajudar as Igrejas Evangélicas no enfrentamento da epidemia da Aids, proporcionando uma homogeneização positiva na construção de novas idéias e propostas, respeitando as leis e a ética cristã.

¹⁰ <http://daladier.blogspot.com/2006/07/simpso-Aids-e-religio-by-gedeon.html> (acesso em 05.12.07)

2. Justificativa

No início da década de 80, era uma doença completamente desconhecida e começou a causar medo e preconceito por falta de informação. Em pouco tempo, a epidemia se espalhou por todo o mundo, trazendo consigo mudanças de comportamento e descontentamento para toda sociedade. Recebeu o nome de Síndrome da Imunodeficiência Humana – AIDS – tornando-se uma das maiores preocupações mundiais desde a sua descoberta ao seu tratamento, fazendo vítimas fatais.

Em 1980, cientistas identificaram os primeiros casos de uma doença rara entre jovens homens homossexuais, que atacava o sistema imunológico do organismo deixando-o vulnerável a doenças oportunistas¹¹. Os primeiros casos foram reconhecidos nos Estados Unidos, em função de um conjunto de sintomas (*Sarcoma de Kaposi e Pneumonia pelo Pneumocistis carinii*) em pacientes homossexuais masculinos provenientes de grandes cidades norte-americanas (Nova York, Los Angeles e São Francisco).¹² A doença passou a ser caracterizada como doença *gay*.

Como no início os casos contaminação pelo vírus da Aids eram predominantes entre homossexuais e usuários de drogas injetáveis, a Igreja passou a associar a doença com o estilo de vida. No entanto, não tardaram a surgir casos entre heterossexuais e crianças recém-nascidas. Com o passar de todos esses anos a Aids mostrava que ela não escolhe cor, idade, religião e nem sexo.

2.1. Panorama histórico do enfrentamento das igrejas diante da Aids

Com a chegada da Aids ao Brasil, as instituições religiosas assumiram um papel crucial no contexto social da doença, ganhando destaque durante toda sua trajetória. Para tentar entender as estratégias utilizadas pelas religiões em resposta à epidemia da Aids, a Associação Interdisciplinar da Aids (ABIA), em parceria com o Centro de Gênero, Sexualidade e Saúde da Escola de Saúde Coletiva da Universidade de

¹¹ www.lia.ufsc.br/JAF1.ppt (acesso em 10.12.2007)

¹² www.lia.ufsc.br/JAF1.ppt (acesso em 10.12.2007)

Columbia (Nova Iorque), criou um projeto de pesquisa e intervenção¹³ (veja anexo I). Os dados que se seguem foram extraídos dos relatórios deste projeto.

A mídia impressa tem sido uma das principais fontes de registro e de pesquisa histórica no país. Através da pesquisa extraída dos jornais brasileiros foi possível apresentar os principais fatos e percepções que marcaram a história das Igrejas com a Aids, entre o ano de 1985 e o ano de 2007.

Por volta de 1985, a Aids passava a ser vista como consequência de uma vida de libertinagem e afronta à moral cristã, segundo Dom Eugênio Sales, que transmite sua revolta diante dos acontecimentos¹⁴:

“Como a propagação está intimamente relacionada com a infração da Moral Cristã, especialmente no campo do homossexualismo e promiscuidade pela troca de parceiros (diga-se infidelidade conjugal) e liberdade sexual (...). É surpreendente a imoralidade reinante.”

O pavor diante de uma doença ainda pouco explorada criava inúmeras repercussões dentro das igrejas. Para tentar evitar a transmissão do vírus, a Igreja Anglicana em Londres assumiu a iniciativa de desinfetar a taça da comunhão durante a cerimônia sagrada. Também declarou que era preciso haver compaixão, diante daqueles que sofriam com Aids, e não agir como se fossem criminosos¹⁵.

Em 1987, a Aids mobilizou o Brasil. Em caráter de urgência, o Ministério da Saúde reuniu-se com o Ministro da Saúde Roberto Santos, compondo uma equipe com diversos especialistas das áreas médicas e também com Dom Luciano Mendes, o secretário geral da CNBB, para tentar combater o grande mal do século. Pela primeira vez, a Igreja Católica teve o desejo de apoiar o governo na luta contra a Aids, acreditando ser um problema coletivo. Já o Ministro Roberto Santos apontou a preocupação do governo com os chamados “grupos de risco”, aos quais pertenciam os usuários de drogas injetáveis e homossexuais, definindo-se que seriam realizadas campanhas para tratar desse grupo. Por fim ele apresentou preocupação com a possibilidade de transmissão do vírus entre heterossexuais¹⁶.

Naquele mesmo ano, em Pernambuco, criou uma polêmica quando o professor e pastor Irineu Ferreira, se indignou quando soube que estavam tentando

¹³ ABIA – Associação Brasileira Interdisciplinar da AIDS. Respostas religiosas à epidemia de HIV/AIDS no Brasil: Projeto de Pesquisa e Intervenção

¹⁴ ABIA – Projeto AIDS e religião. Jornal Última Hora, 27.07.85

¹⁵ ABIA – Projeto AIDS e religião. Jornal do Brasil, 30.12.86

¹⁶ ABIA – Projeto AIDS e religião. Jornal do Brasil, 05.02.87

aprovar na Constituinte uma norma que legalizava o uso de drogas e o homossexualismo. Em nota, ele disse:

“É por causa de homens como estes que a juventude deste país está perdida. Acredito piamente que a Aids seja um castigo divino ao pecado do homossexualismo. É uma reedição de Sodoma e Gomorra.”

No dia 24 de fevereiro, foi realizado o lançamento da Campanha Nacional da Prevenção da Aids. As primeiras repercussões em torno das campanhas preventivas começaram a surgir ainda em 87, porque o filme exibido disse que era preciso buscar informações no combate a Aids, que a doença não tinha cura. Alertava para o uso da “camisa de vênus” e quanto ao uso de agulhas e seringas descartáveis. A mensagem criou polêmica. A Igreja Católica afirmou que campanha estimulava o sexo, propondo ao governo que fosse reduzida a quantidade de vezes do apelo ao uso da camisinha¹⁷.

O preconceito já marcava presença em 1988 entre freiras, que negaram internação e atendimento a onze pacientes hemofílicos e portadores do vírus da Aids quando chegaram ao Hospital São Vicente de Paulo (RJ). A situação piorou depois da morte de três pacientes que estavam em estado emergencial e necessitavam de socorro. O caso foi denunciado na 18ª Delegacia de Polícia do Rio de Janeiro. O sociólogo Hebert José de Souza fundador do IBASE (Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas) garantiu que levaria as freiras ao tribunal¹⁸.

O Vaticano se enfurecia diante das campanhas preventivas, persistindo e defendendo a idéia de que abstinência sexual seria a solução, e não a camisinha¹⁹.

Em 1989, a OMS apontava que o número de pessoas contaminadas já chegava a 600 mil. Diante disso, o Vaticano se reuniu com grandes especialistas para tentar controlar a situação, ainda afirmando que as campanhas só favoreciam o comportamento de risco. A solução estaria em promover campanhas educativas que valorizassem a importância e a beleza do “amor conjugal”²⁰.

¹⁷ ABIA – Projeto AIDS e religião. Jornal O Globo, 25.02.87

¹⁸ ABIA – Projeto AIDS e religião. Jornal do Brasil, 29.01.88

¹⁹ ABIA – Projeto AIDS e religião. Jornal do Brasil, 28.07.88

²⁰ ABIA – Projeto AIDS e religião. O Globo, 14.11.89

A polêmica em torno das campanhas preventivas em 1991 continuava a crescer entre os religiosos que ficaram irritados quando tomaram conhecimento do resultado da pesquisa realizada na Feira da Providência, onde 78.9% disseram acreditar que o uso de preservativo não seria uma solução confiável. Para Dom Eugênio Sales, as campanhas preventivas não passavam de hipocrisia:²¹

“Essas campanhas iludem o povo, já que em 10% ou 11% dos casos os preservativos se rompem. (...) Uma campanha realmente eficiente deve inibir as novelas que promovem a desagregação familiar e as propagandas que estimulam a imoralidade.”

Neste mesmo ano, algumas aparições do meio evangélico ganhavam destaque. Como o caso de Igreja Batista Antioquia que se mobilizou diante da situação de abandono de pessoas portadoras da Aids, promovendo um show junto a comunidades evangélicas, permitindo que comprassem de uma casa para os doentes rejeitados por suas famílias.²²

O ano de 91 também havia sido marcado pela iniciativa do Congresso Nacional de Evangélicos, reunindo cerca de 1.500 igrejas evangélicas para que começassem a integrar na municipalização do combate à Aids, aderindo às campanhas preventivas, onde esteve presente o coordenador do Programa Nacional de DST/Aids, Eduardo Cortes²³. Os evangélicos representavam cerca de 30 milhões de pessoas.

Em 1992, a Aids passou a ser tema na pauta da CNBB diante de escolas que rejeitavam matricular crianças portadoras do vírus da Aids. Faziam apelo para que as escolas católicas não rejeitassem esses alunos²⁴.

O ano de 92 havia sido marcado por críticas e perseguições religiosas. O carnaval ganhou destaque na fala de Dom Eugênio Sales, alegando que a festa no Rio podia ser considerada sinônimo de bacanal. E completou:

“O problema não é apenas a transgressão acintosa à moral, a ofensa a Deus, a distorção da imagem do Rio de Janeiro. Há um outro, a propagação da Aids. O período carnavalesco é altamente propício para a propagação da terrível enfermidade. A tônica dos festejos é, em parte, notável, calcada na libertinagem, no desprezo às leis

²¹ ABIA – Projeto AIDS e religião. Jornal do Brasil, 03.12.91

²² ABIA – Projeto AIDS e religião. Jornal do Brasil, 08.08.91

²³ ABIA – Projeto AIDS e religião. Jornal da Tarde, 27.09.91

²⁴ ABIA – Projeto AIDS e religião. Folha de São Paulo, 08.05.92

morais e, portanto, no enfraquecimento das restrições à liberdade sexual”²⁵.

Revoltados com a postura da igreja, médicos especialistas do Departamento de Doenças Infecto-contagiosas e Parasitárias da USP expressavam suas opiniões diante do envolvimento das igrejas com a Aids. Vejamos²⁶:

“O homem deve usar o livre arbítrio para organizar a sua vida, mas não precisa manter-se a assumir postura superior, arbitrando a dos outros. Em segundo lugar, no cristianismo odeia-se o pecado e não o pecador, que é infortunado. (...) Quem não se recorda do famoso trecho sobre o *“Atire a primeira pedra quem se considera puro”*?

“Um último ponto: colocar a Aids como castigo de Deus é querer assumir a interpretação do que Deus quer ou não quer fazer como penalidade.”

A polêmica cresceu também por parte da igreja evangélica. O bispo Edir Macedo prometia a cura da Aids durante dois eventos realizados pela Igreja Universal do Reino de Deus, um no Morumbi e outro no Maracanã. O bispo resolveu desafiar Deus, para que Deus provasse estar ali, e que curasse os aidéticos, penetrando em seu sangue e arrancando “o diabo”, “o câncer”²⁷.

Ainda em 1992, a CNBB divulgava o primeiro documento oficial da Igreja Católica Brasileira em relação à Aids, identificando a doença como parte da “cultura da morte”. O documento informava que as formas de transmissão estavam diretamente ligadas ao comportamento humano. Segundo o documento, existiam três soluções propostas para se evitar a Aids: a abstinência sexual, o heterossexualismo e a monogamia. Era considerado insuficiente só o uso do preservativo ou seringa descartável. Os princípios cristãos estavam apontando para essa relação, acreditavam ser a melhor forma de se prevenir a multiplicação da doença²⁸.

Em 1993 o Papa João Paulo II foi à África, em Uganda, um país marcado pela doença, e falou para as pessoas contaminadas pela Aids. O número de contaminados já chegavam a três milhões de pessoas. O Papa pediu aos cientistas do mundo inteiro que encontrassem logo uma resposta eficaz para combater essa

²⁵ ABIA – Projeto AIDS e religião. Jornal do Comércio, 29.02.92

²⁶ ABIA – Projeto AIDS e religião. Folha de São Paulo, 02.04.92

²⁷ ABIA – Projeto AIDS e religião. Folha de São Paulo, 18.04.92

²⁸ ABIA – Projeto AIDS e religião. Folha de São Paulo, 02.12.92

doença²⁹. Ao final de seu depoimento ele disse: “A castidade é a única forma segura e virtuosa capaz de pôr fim à praga da Aids”³⁰.

Outra iniciativa por parte de uma igreja evangélica apareceu no verão de 1993. A Igreja Evangélica Batista montou o Projeto Cristo nas Praias. O objetivo era levar informações sobre risco da Aids, mostrando que a solução estava além da camisinha, pois a “solução” estava em Jesus Cristo. O evento contou com aproximadamente 60 pessoas, e foram distribuídos 50 mil folhetos³¹.

A atitude generosa de Madre Tereza de Calcutá agradou a população de rua, após inaugurar uma casa para portadores do vírus da Aids. Inaugurada por Dom Eugênio ainda no ano de 1993, a Casa de Acolhimento Sagrado Coração de Jesus em Realengo, trouxe moradia e esperança para muitas mulheres e crianças contaminadas³². Tornou mais claro o vínculo entre a iniciativa de madre Tereza e de dom Eugênio.

Em 1994 as campanhas continuavam a ser o alvo das críticas por parte da Igreja Católica, dizendo que as mesmas estavam no caminho errado. Vejamos alguns exemplos:

“O Governo e as pessoas deveriam ter a honestidade de avisar que os preservativos diminuem os riscos, mas não os excluem totalmente” (Celso Queiroz, Secretário geral da CNBB)³³.

“Aproveitamos o medo da Aids para fazer a difusão do sexo livre, essa campanha não pergunta se o sexo tem a ver com a conduta pessoal de cada cidadão” (Dom Luciano Mendes, Presidente da CNBB)³⁴.

“Está mais do que provado que o uso da camisinha é o maior blefe à segurança no uso do sexo” (Dom Antônio Sarto, Mato Grosso)³⁵.

Com base nos valores católicos e preocupados com a desestruturação da família, a CNBB lançou a campanha da fraternidade abordando o tema da Aids. Criticaram o incentivo ao uso de preservativos, alegando que só banalizava o sexo.

²⁹ ABIA – Projeto AIDS e religião. O Fluminense, 10.02.93

³⁰ ABIA – Projeto AIDS e religião. O Globo, 10.02.93

³¹ ABIA – Projeto AIDS e religião. A Tribuna, 14.02.93

³² ABIA – Projeto AIDS e religião. Jornal do Brasil, 24.09.93

³³ ABIA – Projeto AIDS e religião. Diário Com. & Ind. – DCI, 17.02.94

³⁴ ABIA – Projeto AIDS e religião. Jornal do Brasil, 24.02.94

³⁵ ABIA – Projeto AIDS e religião. Estado de São Paulo, 23.04.94

Para ampliar esse trabalho, distribuíram 400 mil cartazes, 180 mil livretos, quatro vídeos e um filme publicitário divulgado na TV³⁶.

Apesar da divulgação quase que diária sobre a Aids, Dom Eugênio percebeu uma desorientação diante desse “flagelo”. Ele demonstrava preocupação diante do fato de termos 1,5 milhão de doentes no mundo e quase um terço serem crianças, e pelo fato de ainda não haver cura para a doença, embora exista medicação como o AZT que, associada com outras drogas, possibilitava melhor efeito. E completou³⁷:

“Apregoam falsas soluções, como o preservativo. Eles não são cem por cento eficazes. Estimulam a promiscuidade de parceiros e, em consequência de sua ineficácia absoluta, facilitam a difusão da enfermidade.”

Além do grande número de críticas por parte da Igreja Católica sobre as campanhas preventivas governamentais, fatos inusitados ganhavam destaque no ano de 1995. Uma igreja católica em Belo Horizonte passou a indicar a urinoterapia para a cura do câncer e a Aids. Era recomendado que a pessoa tomasse da própria urina em jejum. A prática foi iniciada por uma religiosa que percorria várias partes do país ajudando a divulgar a terapia, e dizia: “temos vários casos de cura de pessoas que sofriam de rins”. Diante desse fato, alguns médicos reagiram contra, como diz o infectologista Dr. Ricardo Tapajós: “é paradoxal voltar a tomar o que o organismo rejeita”³⁸.

Outro fato marcante foi a história de um jovem ex-pastor da Igreja Universal do Reino de Deus. Após ter revelado ao bispo Edir Macedo que havia contraído o vírus da Aids, foi expulso da igreja. O bispo dizia que a sua presença ali “comprometia a sua instituição”. Depois disso, ele se entregou as drogas e ao sexo, e chegou a ser internado em estado grave³⁹. Após sobreviver, resolveu escrever um livro, onde contava sobre tudo o que acontecia dentro da Igreja Universal, com o título: *Nos Bastidores do Reino*. E ainda revelou que “tentou matar” Edir Macedo, escondido dentro da própria Igreja Universal⁴⁰.

A Igreja Universal do Reino de Deus continuava causando discórdia com suas promessas de cura, sendo criticada por outras denominações evangélicas

³⁶ ABIA – Projeto AIDS e religião. Diário Com. & Ind. – DCI, 17.02.94

³⁷ ABIA – Projeto AIDS e religião. Jornal do Comércio, 27.07.94

³⁸ ABIA – Projeto AIDS e religião. Folha de São Paulo, 11.11.95

³⁹ ABIA – Projeto AIDS e religião. Jornal do Brasil, 12.11.95

⁴⁰ ABIA – Projeto AIDS e religião. Revista Isto É, 15.11.95

tradicionais. Estas outras denominações apontavam que esse fenômeno só estava presente dentro das igrejas reconhecidas pelo segmento neo-pentecostal e pentecostal. Em depoimento, comenta o psiquiatra Algenir Marques: “A Universal explora a fragilidade das pessoas. Já os batistas, presbiterianos e metodistas são ramos mais “tradicionais” e “sensatos” do evangelismo”⁴¹.

Outro caso envolvendo a Igreja Evangélica foi a de um homem que, após descobrir que tinha Aids, resolveu se tratar e passou a fazer parte da Igreja Assembléia de Deus do Poder Mundial, em Itaguaí. Acreditando ter sido “curado por Deus”, e chegou a abandonar o tratamento. O infectologista da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) comentou a respeito: “O que não se pode fazer é deixar de lado o aspecto científico em detrimento da fé”⁴².

Em 1996, bispos franceses criaram um desconforto com o Vaticano ao tentar aceitar o uso da camisinha no combate a Aids. Disseram eles: “O uso do preservativo se compreende nos casos em que uma atividade sexual já integrada à personalidade tenha necessidade de evitar um risco grave”⁴³. Após a repercussão do assunto, eles alegaram que o texto sobre a “necessidade” do uso de preservativo havia sido “mal-interpretado”⁴⁴.

O número de pessoas contaminadas pela Aids no mundo chegava a 20 milhões. No Brasil, os casos notificados alcançavam o número de 82.852, no Rio de Janeiro 12.830, sendo 83.3% homens e 78.7% mulheres. Diante de fatos e números considerados tão relevantes, Dom Eugênio continuava acreditando que a maneira de educar a população não seria através do instinto e principalmente os jovens, pois poderia causar estímulo ao sexo, contribuindo ainda para o aumento do número de mulheres contaminadas através da infidelidade no matrimônio⁴⁵.

O Programa Nacional de DST/Aids criou em 1997, um projeto destinado a crianças entre 4 a 12 anos, voltado para a distribuição de material educativo sobre a Aids. Isso acabou causado polêmica para a Igreja Católica na região Metropolitana de São Paulo, acreditando que essa iniciativa poderia contribuir para a ‘erotização

⁴¹ ABIA – Projeto AIDS e religião. Jornal do Brasil, 12.11.95

⁴² ABIA – Projeto AIDS e religião. Jornal do Brasil, 12.11.95

⁴³ ABIA – Projeto AIDS e religião. Jornal do Brasil, 13.02.96

⁴⁴ ABIA – Projeto AIDS e religião. Estado de São Paulo, 15.02.96

⁴⁵ ABIA – Projeto AIDS e religião. Jornal do Brasil, 30.11.96

precoce' das crianças. Explorando essa idéia Fernando Altemeyer Júnior Vigário de Comunicação disse ⁴⁶:

“A criança perde a chance de ser criança. Não vejo essa idéia com simpatia porque parece simplesmente uma ação panfletária que acaba de uma hora pra outra. Ela lembra iniciativas ridículas como a campanha do Bráulio” ⁴⁷ (veja anexo II)

Em 1998, voltam a surgir novos relatos médicos acerca de pessoas evangélicas que deixavam de tomar os remédios, dizendo que Jesus havia curado o mal. O médico Alberto Aldet revela que na cidade de Barra Mansa, R.J existiam cerca de cinco mil pessoas infectadas e apenas 90 se tratavam, acreditando que as igrejas evangélicas prejudicavam as pessoas. Uma testemunha que não se revelou contou que um dos Pastores da Igreja Batista Central, no bairro do Cajueiro, disse que ele poderia parar de tomar os remédios, pois já estava curado.⁴⁸

Em 1999 na cidade de Brasília, o Ministro José Serra assinou um acordo com representantes da Pastoral da Saúde da CNBB, que previa parceria para fazer campanhas educativas e preventivas em camadas mais pobres. De acordo com a CNBB, a Igreja Católica havia criado uma comissão de DST/Aids para cuidar do projeto e de assuntos como este. O coordenador da comissão de DST/Aids, Henrique Sá, declarou que o trabalho seria muito abrangente: “Vamos falar sobre os valores da família e a importância da abstinência sexual”. Membro da Irmandade Santíssimo Sacramento da Arquidiocese de Manaus, o coordenador também era portador do vírus, e admitiu haver muitos soropositivos religiosos⁴⁹.

Em 2000, a Igreja Católica continuava marcando território quando o assunto era usar a camisinha como método de prevenção. A posição da igreja de tentar ser “mais flexível” foi debatida durante o I Encontro de DST/Aids promovido pela Pastoral da Saúde, em São Paulo. Para que esclarecesse este assunto, Dom Eugênio Sales afirmou que nenhum bispo ou grupo de bispos teriam autoridade sobre os ensinamentos morais e doutrinários da igreja para fazer qualquer tipo de mudança, dizendo:

⁴⁶ ABIA – Projeto AIDS e religião. Estado de São Paulo, 07.01.97

⁴⁷ O PNDST/AIDS havia encomendado uma série de peças publicitárias para TV, voltadas para o público masculino, com múltiplas parcerias. Essa série foi ao ar entre agosto e setembro de 1995. Com o nome *Bráulio*, ela abordou diversas situações de possíveis riscos de contaminação com o HIV, na qual ocorria um diálogo entre o ator masculino e seu pênis.

⁴⁸ ABIA – Projeto AIDS e religião. O Dia, 02.12.98

⁴⁹ ABIA – Projeto AIDS e religião. Estado de São Paulo, 04.08.99

“A igreja não mudou de posição a esse respeito. O método pode ser aceito em caso de pessoas que usam drogas e mantêm relações sexuais com mais de um parceiro. Seria optar pelo mal menor para se evitar o mal maior”⁵⁰.

O coordenador da Comissão Nacional de DST/Aids Dom Eugênio Rixem com base nos mandamentos cristãos, disse que o uso de preservativo só estaria liberado para evitar a transmissão entre homossexuais e prostitutas, e advertiu: “Nem mesmo diante de uma epidemia a igreja aprova o uso da camisinha”. Este fato ocasionou grande polêmica durante um evento em Goiás, que contava com a presença de um monsenhor representante do Papa João Paulo II e outros padres. De acordo com o monsenhor, a aceitação do uso de preservativo seria ir contra as leis do Vaticano. Causando divergência de opinião: o dirigente da casa de apoio aos portadores da Aids em São Paulo, Padre Valeriano Paitoni afirmou: “No caso da Aids, o uso da camisinha não é mais uma questão moral e sim de saúde pública”⁵¹.

Mesmo a Igreja Católica se mantendo firme aos seus propósitos morais, ainda no ano de 2000 pôde se constatar que a Aids “entrava e saía pelas igrejas” de todo o mundo. Casos de sacerdotes contaminados pelo vírus começavam a ser divulgados, causando grande repercussão. O assunto ganhou polêmica nos Estados Unidos, onde cerca de 300 padres estariam contaminados e muitos já teriam morrido por consequência da Aids. Fiéis estariam revoltados questionando a fé dos sacerdotes⁵².

No Brasil o caso se repetiu, porém os sacerdotes contaminados deveriam passar por exames médicos para saber se teriam condições de permanecer em seus cargos, segundo o representante do Papa. O tema estava repercutindo durante o Seminário “*Aids e desafios para a Igreja do Brasil*”. Outra medida a ser tomada seria exigir o teste de HIV entre os seminaristas. O tema soou muito mal e fez com que os representantes da Igreja Católica no Brasil recuassem sobre a liberação do preservativo. Contudo, declarações discordantes apareciam a toda hora. Vejamos⁵³:

“A igreja é hipócrita porque condena o homossexualismo, mas mantém vários homossexuais em suas fileiras. Um padre pode ser

⁵⁰ ABIA – Projeto AIDS e religião. Jornal do Brasil, 14.06.00

⁵¹ ABIA – Projeto AIDS e religião. Estado de São Paulo, 14.06.00

⁵² ABIA – Projeto AIDS e religião. Correio Braziliense, 03.02.00

⁵³ ABIA – Projeto AIDS e religião. O Globo, 15.06.00

homossexual, desde que seja castro.” (Padre José Antônio, coordenador da Pastoral Gay).

“Na moral cristã, quando você tem que escolher entre dois males, fica com o mal menor. Então a gente sempre tem que escolher a vida. Cristo não quer pessoas com HIV.” (Dom Paulo Evaristo, que defendia de forma indireta o uso do preservativo).

“O preservativo não pode ser usado nem mesmo entre casais em que apenas um dos cônjuges é soropositivo. O sexo não é essencial ao casamento, tenho 67 anos e vivo muito bem sem fazer sexo.” (Javier Barragan, presidente do Pontifício do Conselho Nacional da Pastoral da Saúde)⁵⁴

Diante dessa postura, as opiniões se dividiam tanto entre os representantes da Igreja Católica, como da sociedade civil. Vejamos:

“Ter Aids não é pecado e ser soropositivo não anula a vocação sacerdotal.” (Bispo de Goiás, Dom Eugênio Rixen)

“Recebi da igreja todo acolhimento.” (Padre Henrique Gouveia, descobriu ter HIV em 95 quando ainda era seminarista. Escolhido pela Pastoral da Saúde para ser um dos coordenadores da Comissão Nacional de DST/Aids da CNBB)

“Parece que a Igreja Católica resolveu institucionalizar a discriminação.” (Wildney Feres, coordenadora do GAPA em São Paulo)

A luta pela sobrevivência diante da Aids continuava alimentando a perseverança de alguns sacerdotes que se mostravam dispostos a colaborar no enfrentamento da doença. Em São Paulo, o Padre Valeriano, em parceria com o MS, produz uma fita de vídeo com informações sobre a doença e métodos preventivos, que incluía o uso de preservativo. Acreditava no que fazia, dizendo: “Como igreja, não recebemos a missão de destruir a vida, mas de defendê-la na sua plenitude”. Diante dos fatos, desabafou dizendo: “A cúpula da CNBB aceita o uso de preservativos em certas circunstâncias e só adota discurso inflexível sobre o assunto porque sofrem pressão do Vaticano”. Seu superior, o bispo dom Cláudio Hummes classificou a atitude do Padre como “inaceitável”. Em nota, disse⁵⁵:

“Considerando que o Padre Valeriano continua publicando e defendendo suas teses e práticas, fui obrigado, com sincera dor por se tratar de um irmão na fé e no sacerdócio, publicar esta nota de repúdio como tentativa de correção interna, a qual não inclui outras providências administrativas e pastorais cabíveis para corrigir tão lamentável situação.”

⁵⁴ ABIA – Projeto AIDS e religião. Folha de São Paulo, 15.06.00

⁵⁵ ABIA – Projeto AIDS e religião. Folha de São Paulo, 04.07.00

O caldeirão borbulhou ainda mais, quando a Igreja Católica foi apontada Pela UNAIDS como “obstáculo” para os programas de prevenção à Aids. Segundo seu Diretor Executivo, o Brasil liderava o *ranking* da epidemia em toda América Latina com 540 mil casos registrados. Peter Piot criticou a igreja por divulgar informações falsas sobre o preservativo e impor o que deve ser dito, e diz⁵⁶:

“A igreja defende a abstinência e a fidelidade conjugal como forma de se evitar o contágio. Nós fazemos campanhas pelo uso do preservativo. Mas não é necessário que a igreja faça contrapropaganda do uso da camisinha.”

O Professor de teologia José Antônio Transferetti, da Universidade Católica de Campinas, defendeu dizendo:

“As críticas sobre as falhas na prevenção da Aids deveriam ser feitas aos responsáveis por saúde pública, não à igreja. A igreja tem sua doutrina e isso não vai mudar”⁵⁷.

Apesar das críticas à Igreja Católica, o Vaticano não se calou diante das suas convicções. Na véspera do Dia Mundial da Luta contra a Aids, ressaltou que iriam manter o mesmo posicionamento sobre o uso do preservativo. O arcebispo Javier Barragan, presidente do Conselho de Saúde completa, dizendo: “Somos contrários ao uso de preservativos porque eles não respeitam a dignidade da pessoa”⁵⁸.

A campanha de 2001 conseguiu causar uma nova polêmica, fazendo com que a CNBB se manifestasse. A campanha teve como personagem central o diabo e o anjo, onde cada um tentava convencer o homem do que fazer. No filme, o homem havia se interessado por uma mulher que supostamente estaria se insinuando, porém ele não tinha camisinha. A campanha fazia oposição entre o bem e o mal, embora o sentido demoníaco não estivesse em ter relação sexual sem camisinha. No caso, o diabo saía furioso com aquele homem porque ele esqueceu a camisinha e teria que deixar de transar (veja anexo III). Usava o seguinte slogan: “*Não importa de que lado você está, use camisinha*”. Em manifesto, Dom Damasceno disse: “Não podemos confundir o bem com o mal. O bem é o bem. O mal é o mal. E nós temos que estar do lado do bem”⁵⁹.

⁵⁶ ABIA – Projeto AIDS e religião. Tribuna da Imprensa, 07.11.00

⁵⁷ ABIA – Projeto AIDS e religião. Estado de São Paulo, 07.11.00

⁵⁸ ABIA – Projeto AIDS e religião. Jornal do Brasil, 01.12.00

⁵⁹ ABIA – Projeto AIDS e religião. O Globo, 15.02.01

Em Janeiro de 2003, a mudança na política sobre Aids dos Estados Unidos agradou a força religiosa representada pela Igreja Católica no Brasil. Dom Eugênio fez menção à lei que teria sido aprovada em Washington, onde estabelecia um plano de promoção da abstinência sexual. O plano foi divulgado nas escolas públicas como único método confiável para evitar a gravidez precoce e a Aids. Em pronúncia durante o evento o Diretor Executivo da Liga das Famílias da América, John Tomicki, disse: “Prática de abstinência é a melhor proteção contra a Aids e outras enfermidades de transmissão sexual”⁶⁰.

Representando a Pastoral de DST/Aids criada pela CNBB, Dom Eugênio Rixem concedeu uma entrevista ao boletim Ação Anti-Aids da ABIA⁶¹. Falou sobre alguns objetivos e visão da Igreja Católica, como o de firmar os propósitos doutrinários da igreja sobre a castidade e também o objetivo de defender a vida diante dos problemas ocasionados pela Aids. Segundo ele, o soropositivo não se tratava de um “pobre coitado”, mas de alguém que precisava ter uma nova qualidade de vida. Completou dizendo:

“A Igreja Católica, seguindo o mandamento de Jesus, tem um caminho todo especial para aqueles que sofrem fisicamente, moralmente ou espiritualmente. A igreja tem uma presença muito bonita junto aos soropositivos. Não se trata de uma presença humilhante, mas uma presença que valoriza as pessoas”⁶².

No decorrer da história da Aids junto às igrejas, algumas ações de solidariedade se destacaram, principalmente por iniciativas da Igreja Católica. A construção de abrigos e lares para jovens, adultos e crianças e destinados à população rejeitada e abandonada pela própria família, foram algumas das iniciativas que mais ganharam destaque. Padre Júlio Lancellotti passou a ser responsável pelo abrigo chamado *Casa da Vida*, que fica na zona oeste de São Paulo abriga cerca de trinta e quatro crianças e adolescentes portadoras do vírus. O tratamento dessas crianças é de pai para filho. Todas elas vieram da FEBEM. Ele buscou crianças que estavam em piores condições de saúde. Segundo ele, as crianças na FEBEM eram tratadas com muita restrição, além de usarem toucas, botas, luvas e aventais para se proteger contra elas. Conta que a casa foi comprada por uma associação italiana e reformada pelo governo britânico, após a vinda da

⁶⁰ ABIA – Projeto AIDS e religião. Jornal do Comércio, 16.02.02

⁶¹ ABIA – Ação Anti-AIDS: boletim que visa trazer informações e ações no enfrentamento global da AIDS

⁶² ABIA – Ação Anti-AIDS: boletim n.48.set.2002.Encarte Brasil, p.4

princesa Diana ao Brasil. Recebeu apoio do Governo Estadual e de instituições privadas, e conta com uma equipe de quarenta funcionários estavam sobre a sua direção⁶³.

Nesse contexto a igreja se mostrou como ficou evidenciada, sempre pronta para “atacar” quando o assunto envolvia o uso da camisinha como método preventivo. Só que dessa vez as conseqüências de suas declarações foram ainda piores. Às vésperas do anúncio do Prêmio Nobel da Paz em 2003, a grande polêmica percorreu o mundo. A Igreja Católica estava sendo acusada pela rede de televisão BBC por transmitir informações erradas sobre o uso do preservativo, afirmando que o preservativo não funcionava. Diretamente do Vaticano, o Cardeal Presidente do Conselho Pontifício para as Famílias havia dito⁶⁴:

“O vírus da Aids é cerca de 450 vezes menor que o espermatozóide. E o espermatozóide passa facilmente através do preservativo. A Aids está se espalhando tão rapidamente devido à disponibilidade de preservativos.”

Em defesa às acusações da BBC, o Cardeal Lopez Trujillo disse: “Depender de preservativo é como apostar na sua própria morte”, alegando que a camisinha segundo a OMS, reduzia 90% o risco de infecção. E ainda completou: “Pensar que há um risco de 10% a 15% é como jogar roleta russa”⁶⁵.

O fato repercutiu na reprovação da OMS diante dessas declarações, que disse:

“Estamos enfrentando uma pandemia que já matou mais de 20 milhões de pessoas e afeta cerca de 40 milhões. Há provas suficientes de que os preservativos impedem a transmissão do HIV”⁶⁶.

Diante disso, a África se manifestava em Joanesburgo através do Conselheiro das Igrejas do Sul da África (SACC – sigla em inglês). Reunido com todas as igrejas lá presentes se declarou revoltado diante das declarações vindas do Vaticano. O Padre Mdhela, da Igreja Anglicana, ainda enfatizou dizendo⁶⁷:

⁶³ ABIA – Projeto AIDS e religião. Gazeta Mercantil, 28.03.02

⁶⁴ ABIA – Projeto AIDS e religião. O Globo, 10.10.03

⁶⁵ ABIA – Projeto AIDS e religião. Jornal do Comercio, 16.10.03

⁶⁶ *Idem*

⁶⁷ ABIA – Projeto AIDS e religião. Jornal do Brasil, 11.10.03

“Existem provas médicas irrefutáveis de que os preservativos podem ajudar a salvar vidas. A Aids é uma pandemia e a SACC têm convicção de que é preciso fazer todo o possível para frear a propagação dessa terrível enfermidade”⁶⁸.

Já no Brasil, o coordenador do Programa Nacional de DST/Aids Alexandre Grangueiro, acreditava que o discurso da Igreja Católica afetaria uma parte restrita no Brasil. Porém, em outros países onde a igreja exercia forte influência, isso poderia causar uma piora na evolução do processo de conscientização⁶⁹. O Ministério da Saúde afirmou que o papel da igreja é tratar de assuntos religiosos e morais, não no campo científico. Fazendo isso, a igreja teria que ser capaz de assumir que estava pondo em risco a “sobrevivência da humanidade”⁷⁰. Diante do discurso da igreja, Luís Inácio Lula da Silva fez uma carta criticando sua postura. Vejamos alguns trechos⁷¹:

“Respeitamos a Igreja Católica, reconhecemos a contribuição que ela tem dado na luta contra a Aids no Brasil. Desde o início da epidemia, a Igreja acolheu e amparou os órfãos da Aids e criou a Pastoral da Aids.”

“No entanto a igreja erra quando, para fazer valer o seu ponto de vista teológico, lança dúvidas sobre verdades científicas há muito comprovadas, pondo em risco a vida de pessoas que, por obediência religiosa, acabam se descuidando. Quando limitamos a vida humana, não temos direito de errar.”

Depois da resposta enviada pelo presidente Lula, a CNBB se manifestou, vendo a carta como “uma afronta”. Além da carta, a igreja se irritou após a atitude do Programa Nacional de DST/Aids em ter veiculado na televisão um vídeo feito por uma ONG, que dizia: “*Pecado é não usar*”. Em pouco tempo, a Igreja entrou com uma liminar na justiça que suspendeu a exibição do vídeo. Em resposta às ações do PNDST/Aids, o Presidente da Comissão Familiar e Vida da CNBB Dom Rafael Liano, disse: “Ninguém tem o direito de insultar a Igreja. É uma afronta, um insulto, dá impressão que a Igreja está querendo a difusão da Aids”. Para ele, a campanha era “indecente” e aumentava a promiscuidade sexual⁷².

⁶⁸ *Idem*

⁶⁹ ABIA – Projeto AIDS e religião. Estado de São Paulo, 10.10.03

⁷⁰ ABIA – Projeto AIDS e religião. Jornal do Brasil, 15.10.03

⁷¹ ABIA – Projeto AIDS e religião. Extra, 09.12.03

⁷² ABIA – Projeto AIDS e religião. Folha de São Paulo, 10.12.03

Ainda em 2003, voltavam a fazer parte do cenário religioso da Aids casos de fiéis que eram incentivados pela liderança de algumas igrejas evangélicas a abandonarem o tratamento em nome da fé, acreditando terem sido “curados” por Jesus. Em depoimento à revista *Saber Viver*, uma evangélica da Igreja Assembléia de Deus conta que foi motivada por um pastor a largar o tratamento, pois ele dizia que “só Jesus curava”. Durante quase dois anos sem o tratamento, seu estado de saúde já era grave. Então, resolveu se tratar e disse: “Não quero deixar de ser evangélica, mas quero uma igreja saudável. Jesus cura sim, mas os remédios ajudam e muito” ⁷³.

A campanha para o carnaval de 2004, ainda em preparação causou reboliço entre religiosos após a divulgação do *slogan*: “*Por aqui não passa nada. Bote fé, use camisinha*”. Voltada para o público masculino, a idéia foi mostrar que o preservativo era seguro e eficaz. Com o intuito de evitar que parecesse provocação à Igreja Católica e criar polêmica, o Ministério chegou a mudar o *slogan* para: “*Pela camisinha não passa nada. Use e confie*” (veja anexo IV). De nada adiantou! A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) criticou duramente a campanha e acusou o governo de incentivar a infidelidade conjugal:

“A campanha trata relações sexuais promíscuas como se fossem inevitáveis. O texto orienta: “*Não se iniba, divirta-se, mas use camisinha.*” Incentiva a infidelidade conjugal e a propagação da Aids. É apagar fogo com gasolina.” (Dom Rafael Llano Cifuentes, presidente da Comissão Família e Vida da CNBB) ⁷⁴.

A Aids não deixava de ser julgada pela Igreja Católica. Ainda em 2004, o chefe do Conselho de Saúde do Vaticano havia pronunciado na véspera do Dia Mundial na Luta Contra a Aids, que a Aids era uma doença “moral”. O Cardeal Javier Lozano disse ainda que o Papa João Paulo II afirmou que a doença era uma “patologia da alma” ⁷⁵.

O impasse entre as igrejas católicas sobre, aceitar o uso de preservativo ou não, continuou no ano de 2005. A Igreja Católica na Espanha chegou a fazer um pronunciamento a favor da camisinha, reconhecendo como maneira de se prevenir a Aids. O porta-voz da Conferência Episcopal Espanhola admitiu, dizendo: “A melhor

⁷³ Revista Saber Viver: uma revista para quem vive com o vírus da AIDS. Rio de Janeiro, ano 3, n.24, p.12-15

⁷⁴ ABIA – Projeto AIDS e religião. O Globo, 10.02.04

⁷⁵ ABIA – Projeto AIDS e religião. Folha de São Paulo, 01.12.04

forma de combater a Aids é conjugar camisinha com abstinência sexual e fidelidade conjugal”⁷⁶.

Em oposição à declaração das autoridades religiosas da Espanha, o Ministro de Saúde do Vaticano contestou, afirmando que: “A Igreja proíbe o uso da camisinha na luta contra a Aids com o objetivo de impedir o pecado da carne”, e citou o sexto mandamento: “*Não cometerás o adultério*”. *O Ministro completa dizendo: “Não é uma posição negativa, agimos assim para defender a vida”*⁷⁷.

Considerado “progressista e liberal”, o Arcebispo em Bruxelas acreditava que a camisinha seria essencial para prevenir a Aids. Contrariando as leis do Vaticano, disse ainda: “Se uma pessoa está infectada pelo HIV e decide não respeitar a abstinência, ela tem que proteger seu parceiro”⁷⁸.

Uma pesquisa realizada pelo IBOPE por iniciativa do Grupo de Católicas Pelo Direito de Decidir conhecido como CDD, mostrou que 95% dos católicos concordavam com a distribuição de métodos anticoncepcionais, e que, 97% eram a favor da promoção e distribuição do preservativo no combate à Aids. A pesquisa foi realizada em 143 municípios do país, e foram 2002 pessoas entrevistadas. O CDD trabalhou em torno de novas idéias e do diálogo, segundo a coordenadora Regina Soares que diz:

“Os apelos para que a hierarquia católica abra os olhos e deixe de repetir um discurso essencialista que defende a vida em abstrato se multiplicam. O novo Papa terá que enfrentar esse debate, se quiser evitar o isolamento da instituição eclesial”⁷⁹.

Após voltar de Roma, depois da nomeação de Bento XVI em 2005, Dom Eugênio Sales disse que o novo Papa não seria uma cópia de João Paulo II, mas se manteria firme diante do que a Igreja acreditava e defendia, e completou dizendo:

“Há espaço para discussão; ela não pode ser interrompida. Deve prosseguir, mas como as pessoas querem. O papa deve dar a palavra final para o povo ser orientado à luz da verdade e do Evangelho”⁸⁰.

⁷⁶ ABIA – Projeto AIDS e religião. Folha de São Paulo, 19.01.05

⁷⁷ ABIA – Projeto AIDS e religião. O Globo, 21.01.05

⁷⁸ ABIA – Projeto AIDS e religião. Estado de São Paulo, 14.04.05

⁷⁹ ABIA – Projeto AIDS e religião. O Globo, 23.04.05

⁸⁰ ABIA – Projeto AIDS e religião. Estado de São Paulo, 29.05.05

A posição da Igreja Católica realmente foi mantida pelo Papa Bento XVI, que ao falar sobre a epidemia da Aids, disse⁸¹:

“A Igreja Católica sempre esteve à frente na prevenção e no tratamento da Aids. Os ensinamentos tradicionais da igreja são a prova de que é o único meio seguro para prevenir a difusão da Aids”.

Bento XVI se mostrava preocupado com os índices indicados pelo Programa das Nações Unidas para o desenvolvimento (PNUD), revelando que a África do Sul era um dos países mais infectados, com um total de 5,6 milhões de portadores do vírus com mais de 1 milhão de crianças órfãs⁸².

A posição da Igreja Católica frente às iniciativas do PNDST/Aids no Brasil era permanente e decisivo. Ainda em 2005, a participação da cantora Daniela Mercury no show de Natal no Vaticano havia sido vetada. Sua participação teria sido cancelada devido à sua participação na campanha de prevenção do MS (veja anexo V). Daniela seria a única cantora brasileira a participar do evento junto com outros cantores internacionais. A artista lamentou! Apesar de ser católica, disse: “Não vou deixar de defender essa luta em hipótese nenhuma”⁸³. De acordo com CNBB, a ordem não teria partido deles, mas diretamente do Vaticano.

O ano de 2006 marcaria a história da Igreja Católica diante da epidemia da Aids. Em Milão, mais um Cardeal defendia a idéia de ter a camisinha como aliada na luta contra a Aids. Para Carlo Maria Martini, o uso de preservativos poderia ser “um mal menor” para cônjuges, caso um deles fosse soropositivo.⁸⁴ Justificando, ele disse: “Essa pessoa tem a obrigação de proteger o parceiro, e o parceiro de proteger o outro. A Igreja desaprova relações sexuais fora do casamento”⁸⁵. Martini era visto como figura dominante no Colégio de Cardeais⁸⁶.

Dias depois da declaração de Martini, Javier Lozano diretor da Pastoral dos Cuidados de Saúde do Conselho Pontifício do Vaticano, divulgou que um estudo estava sendo preparado a pedido do Papa. Junto com Javier, estava uma equipe de teólogos e cientistas para tratar de um assunto específico: o uso de preservativo

⁸¹ ABIA – Projeto AIDS e religião. Jornal do Comércio, 11.06.05

⁸² ABIA – Projeto AIDS e religião. Jornal do Comércio, 11.06.05

⁸³ ABIA – Projeto AIDS e religião. Estado de São Paulo, 24.11.05

⁸⁴ ABIA – Projeto AIDS e religião. Estado de São Paulo, 22.04.06

⁸⁵ ABIA – Projeto AIDS e religião. Folha de São Paulo, 24.04.06

⁸⁶ ABIA – Projeto AIDS e religião. Folha de São Paulo, 04.05.06

para pessoas casadas doentes de Aids⁸⁷. Após ser aprovado, o documento passaria pela aprovação do Papa Bento XVI⁸⁸. Diante de um cenário marcado por 40 milhões de pessoas infectadas pelo HIV e 13 mil novos casos surgindo a cada dia no mundo, o Vaticano estava caminhando rumo a um pequeno avanço na sua história⁸⁹.

Em desabafo, Dom Eugênio Sales se pronunciou em defesa dos valores da família e, sobre a desvalorização do sexo, dizendo:

“A sexualidade deve ser entendida como expressão da personalidade humana no matrimônio monogâmico e indissolúvel. Por conseguinte, a prevenção segura nesse campo é intensificar a solidez da família”⁹⁰.

Ressaltou ainda, que grande teria sido o esforço da Igreja Católica no enfrentamento da Aids, combatendo a doença em nível médio, espiritual e social. Segundo ele, a Cáritas⁹¹ Internacional trabalhava em 102 países, resultante de ações contra a pandemia da Aids em 62 nações: África 28, Europa 16, América 9, Ásia 6 e Oceania 3. Também foram criadas as fundações e casas de amparo que prestavam assistência aos enfermos desprotegidos. Lamentando ele disse⁹²: “Mesmo sendo contestada, a Igreja Católica continua a dar sua contribuição, quer à prevenção, quer à assistência a doentes de HIV/Aids e suas famílias.”

O ano de 2007 não começou muito diferente do que vimos até aqui. Com a chegada do carnaval o Presidente Lula declarou que para reforçar a prevenção da Aids, seriam distribuídas aproximadamente 10 milhões de camisinhas. Notícia essa, que não agradou em nada a CNBB, que rapidamente se pronunciou em Brasília na voz do Cardeal Geraldo Magela, dizendo: “De acordo com a razão e preceitos naturais e divinos, nós certamente não podemos concordar com a distribuição de camisinha”⁹³.

Em pronunciamento, Lula revidou ao ataque da Igreja dizendo que o sexo tem que deixar de ser “tabu” no Brasil, para que possa combater a gravidez precoce e a Aids. E disse mais⁹⁴:

⁸⁷ ABIA – Projeto AIDS e religião. O Globo, 24.04.06

⁸⁸ ABIA – Projeto AIDS e religião. Folha de São Paulo, 04.05.06

⁸⁹ ABIA – Projeto AIDS e religião. Folha de São Paulo, 04.05.06

⁹⁰ ABIA – Projeto AIDS e religião. Jornal do Brasil, 25.11.06

⁹¹ Cáritas: rede da Igreja Católica de atuação social

⁹² ABIA – Projeto AIDS e religião. O Globo, 25.11.06

⁹³ ABIA – Projeto AIDS e religião. Folha de São Paulo, 10.02.07

⁹⁴ ABIA – Projeto AIDS e religião. Folha de São Paulo, 08.03.07

“Preservativo tem que ser doado e ensinado como usar. Sexo tem que ser feito e ensinado como fazer. Somente assim, nós seremos um país livre da Aids e de outras doenças infecciosas.”

No mesmo discurso, Lula ainda atacou a Igreja falando sobre a “hipocrisia”.⁹⁵:

“No próximo Dia Internacional da Mulher, vamos fazer o dia da hipocrisia (...) Hipocrisia porque muitas vezes deixamos de debater os temas de forma verdadeira, como tem que ser debatido, por puro preconceito. Minha mãe não gosta, meu pai não gosta, a igreja não gosta, não sei quem não gosta.”

“As pessoas costumam ser modernas no discurso, mas não têm coragem de conversar com os filhos sobre sexo.”

A polêmica já estava posta, e a CNBB reagiu contra ao que o presidente afirmou, garantindo que a igreja não mudou e que não iria mudar. Valorizou também a necessidade de educar os jovens com base nos bons princípios e na família e encerrou dizendo⁹⁶:

“Quando os pais amam assim, não estão sendo hipócritas. E a igreja defende os direitos originários dos pais.”

“Não somos hipócritas. Nem fomos. Nem seremos. Somos coerentes.”

Mesmo com tantos desacertos entre as medidas religiosas e políticas, o encontro do Papa Bento XVI com o presidente Lula teria sido tranqüilo diante das polêmicas criadas sobre a distribuição de preservativos. O presidente Lula resolveu deixar de lado os temas polêmicos como a legalização do aborto e a distribuição de preservativos. Falou sobre as políticas de seu governo como o bolsa-família, o biodiesel e até sobre a sua preocupação sobre o aquecimento global. O encontro aconteceu no Palácio dos Bandeirantes no mês de maio. Os dois falaram sobre a importância da família e do relacionamento da Igreja com o Estado para a construção da paz. O presidente Lula manifestou seus valores cristãos e o objetivo de alcançar essa meta. E ainda disse: “Os valores morais na sociedade não poderão ser reforçados sem o reforço especial da família”⁹⁷.

⁹⁵ ABIA – Projeto AIDS e religião. Folha de São Paulo, 08.03.07

⁹⁶ ABIA – Projeto AIDS e religião. Folha de São Paulo, 10.03.07

⁹⁷ http://www.mre.gov.br/portugues/noticiario/nacional/selecao_detalhe3.asp?ID_RESENHA=337085 (acesso em 03.03.08)

Mesmo diante de tanta convicção religiosa e ética, o governo Lula não abriu mão de dizer que o Brasil continuaria sendo um Estado Laico, após Bento XVI tentar fazer um acordo para implementar o catolicismo como a religião oficial do Brasil⁹⁸.

A religiosidade de Lula foi classificada como “caótica”, segundo as palavras do Arcebispo do Rio Dom Euzébio Scheid. Para ele, Lula pode ter tido boas intenções, mas suas idéias eram “retrógradas” e “contraditórias”. Estavam divergindo com o que ele havia dito sobre a igreja anteriormente no que dizia respeito ao uso de preservativos. Questionando o comportamento do presidente e de sua equipe, disse Dom Euzébio:

“Quem é católico não pode ser a favor do aborto. Quem é cristão e quiser seguir a Cristo não pode estar de acordo com isso. São essas as coisas que eu chamo de caóticas. Não há uma linha clara. E não há mesmo!”⁹⁹

2.2. Da necessidade da investigação

Apesar de toda polêmica e do amplo debate referido na Introdução, algumas Igrejas Evangélicas ainda permaneciam indiferentes à realidade da Aids e, da problemática que envolveu as relações da epidemia com os princípios religiosos. De acordo com o panorama histórico das Igrejas com a Aids, observamos que a Igreja Católica protagonizou a maior dos episódios e buscou assumir publicamente uma posição, ficando as Igrejas Evangélicas em segundo plano. As Igrejas Evangélicas ganharam pouco destaque nesse debate, porém apresentava uma postura negativa com afastamento das pessoas afetadas ou infectadas pelo vírus da Aids, com o argumento que a Aids seria o cumprimento dos últimos tempos e rotulando o portador como “pecador”¹⁰⁰.

Com base no exposto do item 1, podemos perceber que o discurso das Igrejas Evangélicas tem como base as leis divinas, que valorizam os milagres por Jesus realizados em sua história. A fé parece ser o “*dispositivo de enunciação*” quando o assunto se trata de “cura”. Dispositivo que induz os portadores do vírus a pararem de tomar remédios por acreditarem que Deus cura todas as doenças. Este

⁹⁸ <http://www.gospelmais.com.br/noticias/1270/presidente-lula-afirma-que-nao-fara-do-catolicismo-a-religiao-do-pais.html> (acesso em 10.03.08)

⁹⁹ ABIA – Projeto AIDS e religião. Correio Braziliense, 16.05.07

¹⁰⁰ A AIDS e Igrejas: um convite à ação. KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço: programa saúde e direitos – Projeto AIDS e Igrejas. Rio de Janeiro.

fenômeno ganhou destaque, sobretudo entre as igrejas de doutrina *pentecostal* e *neo-pentecostal*¹⁰¹, levando seus adeptos a uma piora no seu estado de saúde e ao risco de morte. Contrários a essa visão espiritual, os evangélicos de doutrina tradicional¹⁰² ganham pouco espaço. Na maioria das vezes, criticavam as práticas exercidas pelas igrejas pentecostais e neo-pentecostais. As Igrejas Evangélicas no seu conjunto, pouco falavam sobre a camisinha e conquistavam destaque nos meios de comunicação de massa, apenas quando os assuntos eram polêmicos.

Mesmo num contexto tão preocupante, ainda há escassez de estudos sobre o tema da relação das Igrejas Evangélicas com a Aids e, cientificamente nenhum trabalho foi apresentado. A presente pesquisa tem a pretensão de preencher essa lacuna, ainda que de modo modesto e abrangendo apenas algumas dimensões da problemática. Sendo um trabalho de natureza “interessada”, tem também a pretensão de contribuir no âmbito das próprias igrejas evangélicas, no sentido de ampliar o debate sobre o assunto.

Percebemos que neste cenário existiam algumas iniciativas de movimentos não-governamentais na tentativa de esclarecer e contribuir para o acolhimento de pessoas portadores da Aids dentro das Igrejas. A KOINONIA¹⁰³ com sede no Rio de Janeiro lançou em 2005 o livro sobre *A Aids e as Igrejas*, uma publicação voltada para as Igrejas na tentativa de orientar e criar multiplicadores dentro das Igrejas, para que fosse possível facilitar os processos de reflexão e ação sobre a doença. Acreditando que as Igrejas pudessem se tornar em *comunidades acolhedoras*. O Secretário de Planejamento e Cooperação Anivaldo Padilha, esclarece que:

“O trabalho de KOINONIA com as igrejas mostra que, quando bem preparadas, elas podem se transformar em comunidades acolhedoras e solidárias com pessoas que vivem e convivem com Aids, além de desempenhar papel importante de educação e prevenção. Podem também ser núcleos importantes de produção de valores que contribuam para a superação do estigma, do preconceito e da

¹⁰¹ Doutrina Pentecostal - Acreditam e buscam os Dons Espirituais por influência do pentecostes (Atos capítulo 2). Fundada no Brasil pelo Missionário italiano Louis Francescon, em 1910. Doutrina Neo-pentecostal - Considerada ser a terceira geração dos pentecostais. Se diferenciam dos pentecostais por diversos aspectos espirituais, como por exemplo a doença, que só existe pra quem não confia em Deus. Tudo é proveniente de Deus e o diabo. <http://www.solascriptura-tt.org/Seitas/Pentecostalismo/PentecostaisNeoPCarismaticos-GilbertoStefano.htm> (acesso em 18.03.08)

¹⁰² Doutrina Tradicional - Adeptos da reforma protestante, contrários aos movimentos pentecostais e neo-pentecostais. <http://bmgil.tripod.com/av33.html> (acesso em 18.03.08).

¹⁰³ KOINONIA – Presença ecumênica e Serviço - Associação sem fins lucrativos, formada por pessoas de igrejas cristãs e de outras expressões de fé, além de líderes do movimento social. Tem como princípio fundamental o compromisso com o ecumenismo e a democracia tendo em vista a luta em favor da cidadania, contra toda forma de exclusão humana – www.koinonia.org.br (acesso em 17.07.08).

discriminação relacionados à Aids, ainda muito presentes na sociedade”¹⁰⁴. (p.7)

Para eles (KOINONIA) a falta de informação sobre o vírus e, à associação da Aids como “castigo de Deus” tornava ainda mais difícil promoção deste trabalho junto às Igrejas. Vejamos algumas das dificuldades apresentadas:

“As igrejas pelo mundo não estão preparadas para assumir uma atitude compassiva e relevante frente à crise. Alguns cristãos reagem moralisticamente, enquanto outros preferem o silêncio. Esse silêncio pode ser tão mortal quanto o próprio vírus. Outros, felizmente, manifestam solidariedade para com os que sofrem com a doença e se levantam contra todas as formas de discriminação, mas por vezes, não sabem como prestar aconselhamento pastoral apropriado e eficaz”¹⁰⁵.

Por outro lado, do ponto de vista da comunicação, vem se incorporar a uma linhagem de estudos que tem contemplado a relação entre comunicação e religião, que tem encontrado abrigo nos fóruns científicos como a Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação e a Compós (Associação Nacional dos programas de Pós-graduação em Comunicação), e tem como expoente o prof. Antonio Fausto Neto, especialista em análise de discursos. Estes estudos freqüentemente tratam da relação entre religião, processos de cura e dispositivos de comunicação, inscrevendo-se assim no campo da comunicação e saúde.

3. Delimitando o problema

O que podemos pensar sobre os discursos sobre a fé e a razão que circulam no mercado simbólico da Aids com Igrejas Evangélicas? De acordo com o exposto até aqui, percebemos que seria necessário aprofundar o conhecimento sobre a disputa de poder entre esses discursos. Isto só será possível na medida em que pudéssemos desvelar o quanto as questões dogmáticas das igrejas interferem na produção de sentidos sobre a Aids.

¹⁰⁴ A AIDS e Igrejas: um convite à ação. KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço: programa saúde e direitos – Projeto AIDS e Igrejas. Rio de Janeiro.

¹⁰⁵ Idem. P.19.

Este trabalho, então, tem como objeto de estudo o mapeamento dos discursos da *fé* e da *razão* que circulam nas Igrejas Evangélicas e o conflito que entre eles se estabelece, tomando o caso específico da Aids. Para tanto, será preciso analisar de que forma ocorreu a construção das verdades nesses discursos, vistos como elementos que mais pudessem interferir ao longo da história e até os dias de hoje na tomada de decisão dos fiéis, sobre como proceder diante da epidemia. A intenção não é explorar o mundo espiritual e sim, os discursos divergentes sobre a *fé* e a *razão* e, como eles se fazem reconhecidos.

É nesse cenário que a pesquisa mergulhe com o objetivo de entender as questões que fazem com que essa realidade seja vista e entendida de maneira tão conflitante, buscando reconhecer as vozes que se lançam e permeiam os sentidos sobre a Aids, para alcançarmos um estudo que produza conhecimento sobre este assunto.

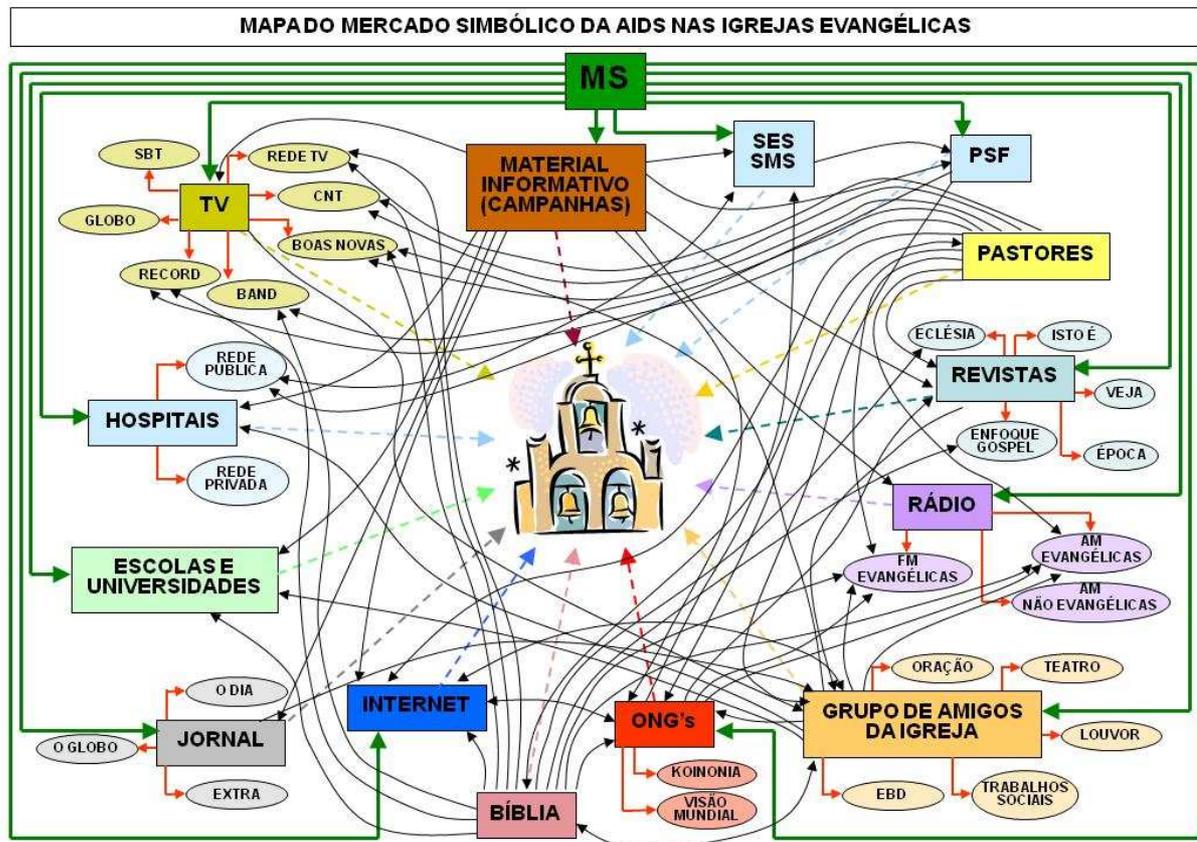
Daí a necessidade de explorarmos as *comunidades discursivas*, para alcançarmos a origem dos discursos sobre a Aids que concorrem nesse mercado simbólico, percebendo de que forma esses *interlocutores* interferiam diretamente ou indiretamente na produção de sentidos, e de que forma eles conquistavam esses espaços exercendo (e em que medida) o *poder simbólico* - o poder de *fazer ver e fazer crer* (BOURDIEU, 2007). Além de identificar as comunidades discursivas será necessário definir sua quota de poder neste espaço simbólico, se mais ao centro ou mais à periferia (ARAÚJO, 2000). Os dois mapas que se seguem foram desenvolvidos como ponto de partida para este trabalho. O primeiro mapa é conceitual e ilustra uma hipótese para os sentidos que constituem os discursos sobre a Aids, nas Igrejas Evangélicas; o segundo mapa representa o *mercado simbólico* da Aids nas Igrejas evangélicas e identificam as comunidades discursivas e os fluxos discursivos.

Fig. 1 - Mapa da rede de sentidos



A partir deste mapa dos sentidos sobre a Aids nas Igrejas Evangélicas, será possível aprofundarmos o conhecimento sobre os conceitos e atitudes predominantes nas Igrejas. A figura no centro do mapa representa a Igreja Evangélica, que é o nosso *locus* de estudo. Do lado direito foram relacionadas possíveis atitudes e conceitos que circulam dentro das Igrejas e, numa afirmação provisória poderiam facilitar de condições para a cura da Aids, como por exemplo, a solidariedade e o amor. Já do lado esquerdo, estão relacionadas às possíveis atitudes e sentidos que também circulariam nas Igrejas que poderiam dificultar a forma na qual as Igrejas Evangélicas reagem à Aids, por exemplo: a condenação e o medo. Na parte superior e inferior ao centro destacamos alguns conceitos supostamente importantes. Estes conceitos poderiam ser capazes de permeiar esta rede e mover os sentidos e as atitudes, promovendo a separação dentro desta rede

Fig. 2 - Mapa do Mercado Simbólico:



O mercado simbólico é formado por pessoas e comunidades discursivas que são caracterizados como interlocutores. Este é o primeiro mapa construído, e tem como objetivo ilustrar - ainda em um nível preliminar e sujeito a confirmação - a disputa pelo poder simbólico entre as Igrejas Evangélicas e a Aids. Ao centro temos a imagem que representa a Igreja Evangélica, que recebe informação de todas as comunidades discursivas (ex: ONGs, rádio, universidades e etc.).

Falando sobre a Aids, temos ao topo o Ministério da Saúde produzindo materiais educativos e divulgando as informações através dos meios de comunicação de massa, hospitais e postos de saúde, que chegam a todas as comunidades discursivas (setas mais grossas). As setas pontilhadas indicam que as comunidades discursivas lançam seus discursos para a Igreja. A Bíblia opera seu discurso de modo abrangente, chegando a alcançar diversas comunidades como:

TV, INTERNET, PASTORES e etc. As setas finas indicam exatamente a relação entre os diversos discursos que estão em disputa dentro deste mercado.

Os mapas fazem parte da delimitação do problema e do método de pesquisa ao mesmo tempo. Ambos serão retomados no tópico sobre metodologia.

3. Objetivos

3.1. Objetivo Geral

Contribuir para o enfrentamento da epidemia da Aids dentro das Igrejas Evangélicas.

3.2. Objetivos Específicos

- Compreender em profundidade o modo pelo qual as igrejas evangélicas vêm respondendo à Aids no país em termos institucionais e religiosos.
- Compreender as diferentes racionalidades que se cruzam nos discursos e práticas das igrejas.
- Identificar e relacionar as comunidades discursivas que exercem maior poder de influência no âmbito das igrejas evangélicas, quanto ao tema da Aids.
- Entender o modo pelo qual os líderes exercem o poder que advém de seu lugar de interlocução em relação aos membros das igrejas, no tema da Aids.

4. Referencial Teórico

Este trabalho se apóia em algumas bases teóricas. Em primeiro lugar, para conseguirmos compreender as Igrejas Evangélicas no contexto social da Aids, precisamos entender melhor o conceito de produção de sentidos, pois muitos são os sentidos atribuídos a doença. Materiais educativos e preventivos são produzidos constantemente na tentativa de alertar e, informar a população. Dessa forma os sentidos são produzidos, difundidos e consumidos, sempre mediados por um processo de negociação, segundo ARAÚJO (2003).

De acordo com a autora os sentidos estão sempre passando por construção e desconstrução formando um conjunto de vozes que dão forma a uma determinada

fala, música, texto e etc. Para estudar a produção de sentidos a autora utiliza-se de princípios da semiologia dos discursos sociais, onde são estudados os fenômenos da produção de sentido, levando em consideração o próprio contexto e em especial ao dispositivo de enunciação. Baseado na teoria da produção social do sentido ARAÚJO (2000) nos relewa a idéia de sentido como *produto do trabalho social*. Ela explica que,

“A teoria dos discursos sociais trabalha com processos de constituição do discurso, que pode ser definido como o lugar do trabalho social de produção de sentido. O discurso não é um objeto, não se limita às possibilidades de articulação de conceitos isolados da língua, não é reflexo de uma situação. Antes, configura-se como uma prática: uma prática discursiva”. (2000, p. 121)

Partindo desse conceito, esta pesquisa estará situada no âmbito das práticas discursivas. Seu referencial básico é o da semiologia dos discursos sociais e, dentro deste, a proposta de ARAÚJO (2002), que conceitua a comunicação como *Mercado Simbólico*. Dentro desse mercado a comunicação é vista de forma estratégica, uma maneira de negociar o *poder simbólico*, o poder de fazer ver a realidade. O conceito chave desse mercado é a negociação, que é realizada através de pessoas ou *comunidades discursivas*. Por esta perspectiva poderíamos classificar as Igrejas Evangélicas como *comunidades discursivas* que participam deste mercado. ARAÚJO explica que,

“A comunicação opera ao modo de um mercado, onde os sentidos sociais – bens simbólicos – são produzidos, circulam e são consumidos. As pessoas e comunidades discursivas que participam desse mercado negociam sua mercadoria – seu próprio modo de perceber, classificar e intervir sobre o mundo e a sociedade – em busca de poder simbólico, o poder de constituir a realidade.” (2002, p.167)

Percebemos até aqui, que as Igrejas Evangélicas produzem discursos diferentes sobre a Aids devido aos seus diversos segmentos, que passariam a concorrer internamente e externamente com os discursos de outras pessoas e comunidades discursivas, que são chamados de *interlocutores*. Dentro desta perspectiva, poderíamos destacar os órgãos públicos, meios de comunicação, universidades, ONGs como concorrentes dessa disputa simbólica, na tentativa de validar a sua fala e ganhar posição dentro desse mercado. Para avançarmos dentro

da proposta de estudo, será necessário identificar o lugar de fala de cada comunidade discursiva e quem está falando, pois passa a existir uma batalha simbólica pelo poder. Esta concepção aparece bem sintetizada nas palavras de ARAÚJO (2003):

“Cada pessoa ou comunidade discursiva ocupa, no momento do ato comunicativo, um lugar na topografia social e institucional. Ou seja, ele fala de algum lugar que lhe confere mais ou menos poder nessa relação. Essa posição, que define os parâmetros da comunicação entre os interlocutores, é o *lugar de interlocução*.” (p.6)

É através do *lugar de interlocução* que as pessoas legitimam a sua fala. Dependendo do contexto situacional uma pessoa pode ocupar vários lugares de interlocução e em cada um deles ocupar uma posição diferente. Por exemplo: o Pastor de uma Igreja. Dentro de sua instituição religiosa ele ocupa um lugar de fala privilegiado, onde sua fala é legitimada e reconhecida por seus membros. Já como o seu trabalho fora da igreja seu lugar de interlocução pode não ser tão privilegiado, e sua fala não ser reconhecida. Usar estratégias comunicativas pode ser fundamental para garantir um lugar no centro ou na periferia desse mercado.

Segundo ARAÚJO (2002) as estratégias estão apoiadas em “*fatores de mediação*”, que são:

“Elementos simbólicos e materiais que promovem o fluxo dos interlocutores entre essas posições.” (p.173)

Em segundo lugar, analisaremos os discursos produzidos pelas Igrejas Evangélicas. Aparentemente esses discursos demonstram que são capazes de permear as consciências e provocar ação. Para estudá-los, este trabalho propõe uma Análise de Discurso (AD) que permita identificar quem fala e de onde fala dentro do discurso religioso. De acordo com PINTO (2002), a AD tem como ponto de partida os produtos culturais empíricos, produzido através de textos, seja por linguagem verbal ou escrita. Para ele todo texto pode ser heterogêneo ou híbrido:

“(…) quanto à sua enunciação, no sentido de que ele é sempre um tecido de “vozes” ou citações, cuja autoria fica marcada ou não, vindas de outros textos preexistentes, contemporâneos ou do passado”¹⁰⁶. (p.31)

¹⁰⁶ PINTO, Milton José. Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos. Hacker Editores, São Paulo, 2002.

PINTO (2002) completa que a heterogeneidade se apresenta de duas formas: através de *intertextualidade* ou de *polifonia*, ambas apresentadas por Mikhail Bakhtin. Segundo BAKHTIN não existe uma única interpretação de palavras, as pessoas se apropriam da língua de forma diferente como se fossem textos repetidos em novas versões. Em cada texto ou fala existe uma pluralidade das vozes, o que BAKHTIN chama de *polifonia*. Esses discursos podem trazer várias representações, que não quer dizer que elas estejam no mesmo nível de poder, cada uma dialogando de uma maneira estabelecendo posições diferentes, de acordo com os seus interesses.

A AD nos possibilitará fazer um levantamento de elementos presentes no discurso como as relações de poder e desejo. Em *A Ordem do Discurso*, FOUCAULT defende que existem procedimentos que controlam e delimitam o discurso. Existem discursos que funcionam como sistemas de exclusão, o que ele chama de desejo e poder: “Um discurso que é investido pelo desejo, e que se crê – para a sua maior exaltação ou maior angústia – carregado de terríveis poderes”¹⁰⁷.

Ao comentar sobre os rituais no uso dos discursos e expondo seus efeitos em sociedade, FOUCAULT (1996) diz:

“Os discursos religiosos, judiciários, terapêuticos e, em parte também, políticos não podem ser dissociados dessa prática de um ritual que determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis preestabelecidos”. (p.39)

Nessa mesma obra FOUCAULT reflete sobre as *doutrinas* e percebe que elas também seguem a lógica dos discursos religiosos, afirmando¹⁰⁸:

“Ora, a pertença doutrinária questiona ao mesmo tempo o enunciado e o sujeito que fala, e um através do outro. Questiona o sujeito que fala e a partir do enunciado, como provam os procedimentos de exclusão e os mecanismos de rejeição que entram em jogo quando um sujeito que fala formula um ou vários enunciados inassimiláveis; a heresia e a ortodoxia não deveriam de exagero fanático dos mecanismos doutrinários, elas lhes pertencem fundamentalmente”. (p.42)

E ainda complementa¹⁰⁹:

¹⁰⁷ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo, Edições Loyola, 1996, p. 13.

¹⁰⁸ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo, Edições Loyola, 1996, p. 42.

¹⁰⁹ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo, Edições Loyola, 1996, p. 43.

“A doutrina liga os indivíduos a certos tipos de enunciação e lhes proíbe, conseqüentemente, todos os outros; mas se serve, em contrapartida, de certos tipos de enunciação para ligar indivíduos entre si e diferenciá-los, por isso mesmo, de todos os outros. A doutrina realiza uma dupla sujeição: dos sujeitos que falam aos discursos e dos discursos ao grupo, ao menos virtual, dos indivíduos que falam”. (p.43)

Segundo FOUCAULT, o discurso presente nas doutrinas coage e acaba sendo coagido pela lógica da identidade. Para ele, os discursos e doutrinas estão relacionados nessa *ordem* porque ambas proíbem, excluem e limitam o enunciado.

No campo da Fé e da Razão há quem as considere distintas, porém necessárias quando suas “limitações” passam a ser respeitadas. A religião passa a ocupar um espaço onde a ciência não consegue chegar, quando ambos exercem seus papéis de forma diferentes. Essa concepção passa a ser defendida e sintetizada nas palavras do doutor em filosofia Israel Belo de Azevedo:

“Quando cientistas e religiosos vêem seus campos como independentes, eles são *estranhos*. Pensam alguns que a ciência e a religião são domínios que não competem um com o outro porque são estranhos e têm diferentes papéis na vida humana. Enquanto a ciência se ocupa de como as coisas funcionam, a religião trata de sentido da vida e dos valores que regem a convivência humana. Para evitar conflitos sugerem alguns que o melhor é compartimentalizar os campos” (AZEVEDO, 2007:30).

O cenário da fé desperta uma intrigante realidade, que nos motiva a analisar a luta travada entre a fala da ciência (o que o autor chama de razão) e de quem fala em nome da fé. Há casos de teólogos da fé que acreditam plenamente no poder da ciência e que ela está presente para favorecer a humanidade. Segundo AZEVEDO (2007), o conflito acontece quando ocorre uma separação entre esses campos. Vejamos:

“O conflito só surge quando são ignoradas as diferenças de campo. O problema é que há questões nas quais ciência e religião precisam comparecer ao mesmo tempo, mesmo mantida a identidade dos seus olhares. Ambos os campos visam, em última instância, aliviar o sofrimento humano, seja ele material, seja ele de caráter espiritual”. (p.31)

AZEVEDO faz uma ligação entre a verdadeira fé - que está baseada nas escrituras Bíblicas -, e as pessoas que se deixam ser levadas pela emoção. Acredita que a carência teológica dentro das igrejas pode interferir no processo em defesa da

fé. A distorção acontece quando as emoções são valorizadas a ponto de perder o controle sobre elas.

Nessa visão o Manual de Defesa da Fé escrito pelos doutores e filósofos Peter Kreeft e Ronald K. Tacelli (2008) defendem a existência de pelo menos quatro dimensões da *fé religiosa*, que trata dos aspectos mais centrais ao ser humano: a *fé emocional*, a *fé intelectual*, a *fé volitiva* e a *fé no íntimo*. O ato da Fé é mais do que uma o simples fato de crer. Segundo os autores podemos acreditar em muitas coisas, como por exemplo, que o Brasil é um lindo País ou que o presidente é honesto, porém não estamos dispostos a nos sacrificar por essas crenças, muito menos a vivê-las todos os dias. Mas quando se trata da *fé religiosa* as pessoas são capazes de viver todos os instantes e até a morrer por aquilo que crêem.

Já no campo da *Razão* existem três separações para KREEFT e TACELLI. É necessário saber a diferença entre: o ato pessoal e subjetivo da razão e o objeto da razão. Vejamos esta comparação¹¹⁰:

“1- O objeto da razão engloba tudo aquilo que a razão pode conhecer. Isso significa que qualquer verdade pode ser: *compreendida* pela razão (ou seja, pela razão, sem a fé na revelação divina); *descoberta* pela razão humana como verdadeira; *provada* de maneira lógica, sem nenhuma premissa baseada em fé na revelação divina. 2- O ato da razão inclui todos os atos pessoais e subjetivos da mente através dos quais: compreendemos, descobrimos e provamos qualquer verdade”. (p.43)

Os autores conseguem penetrar em um denso campo entre a *fé* e a *razão*, e afirmam que¹¹¹:

“A *razão* está relacionada à verdade, pois é uma maneira de conhecer a verdade, de compreendê-la, de descobri-la e de prová-la. Semelhantemente, a *fé* está relacionada à verdade; pois também é uma maneira de descobri-la. Nenhum ser humano existe sem algum tipo de fé. Todos nós adquirimos a maior parte de nossos conhecimentos através da fé, ou seja, por cremos no que outras pessoas – Pais, professores, amigos, escritores, a sociedade – nos dizem. Externamente à religião e também através dela, a *fé* e a *razão* são estradas que levam a verdade”. (p.44)

¹¹⁰ KREEFT, Peter; TACELLI, K.Ronald. Manual de defesa da Fé: apologética cristã – 100 respostas para questões cruciais. Editora Central Gospel, Rio de Janeiro, 2008, p. 41, 42,44.

¹¹¹ KREEFT, Peter; TACELLI, K.Ronald. Manual de defesa da Fé: apologética cristã – 100 respostas para questões cruciais. Editora Central Gospel, Rio de Janeiro, 2008, p. 44, 45.

No contexto da saúde pública

Até hoje, a Aids é considerada a doença que mais causou crise no contexto da saúde pública¹¹². É uma doença crônica e ainda não tem cura. A doença atualmente percorre a população de baixa renda, heterossexual e com maior incidência no público feminino. Este dado ficou caracterizado devido às características biológicas e sócio-culturais que favorecem esse quadro, principalmente na transmissão vertical da doença que abrange um número significativo de crianças contaminadas.¹¹³

No que diz respeito à Saúde Pública, este trabalho assume concepção de saúde como direito de todo cidadão, na tentativa de promover a interlocução entre o Estado e a Sociedade Civil. Com base nos princípios de Direitos Humanos das pessoas vivendo com HIV/Aids, firmado no primeiro princípio doutrinário do SUS: a *Universalidade*.¹¹⁴ a saúde é um direito de cidadania de todas as pessoas, e cabe ao Estado nos garantir esse direito.

O SUS oferece atendimento e todos os remédios para o tratamento do HIV/Aids, além de contar com as ações PNDST/ Aids que trabalham na tentativa de reduzir do índice de pessoas contaminadas e de proporcionar melhores condições de vida para pessoas vivendo com HIV/Aids. Com esse objetivo, foram definidas diretrizes de melhoria da qualidade dos serviços públicos oferecidos às pessoas portadoras de Aids e outras DST; de redução da transmissão vertical do HIV e da sífilis; de aumento da cobertura do diagnóstico e do tratamento das DST e da infecção pelo HIV; de aumento da cobertura das ações de prevenção em mulheres e populações com maior vulnerabilidade; da redução do estigma e da discriminação; e da melhoria da gestão e da sustentabilidade.¹¹⁵

A Saúde Pública passou por diversas transformações em sua trajetória política e social, marcado especialmente na década de 90 segundo PAIM (2000). Passando por um processo de renovação institucional, a Saúde Pública ganhou

¹¹² KOINONIA. A AIDS e Igrejas: um convite à ação. KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço: programa saúde e direitos – Projeto AIDS e Igrejas. Rio de Janeiro, 2005.

¹¹³ O Mundo da Saúde. Mulheres HIV/AIDS: silenciamento, dor moral e saúde coletiva. Ano 29 v. 29 n.3, São Paulo, 2005.

¹¹⁴ <http://dtr2004.saude.gov.br/susdeaz> (acesso em 24.03.08)

¹¹⁵ <http://www.Aids.gov.br> (acesso em 23.03.08)

abrangência no âmbito de suas práticas, principalmente na produção de conhecimento, dando início a um desenvolvimento científico na Saúde Coletiva, proporcionando dessa forma, melhores condições no enfrentamento dos problemas de saúde. Vejamos o que PAIM (2000) sintetiza:

“A constituição as Saúde Coletiva, tendo em conta os seus fecundos diálogos com a Saúde Pública e com a Medicina Social, tal como vem se concretizando nas duas últimas décadas, permite uma delimitação compreensivelmente provisória desse campo de conhecimento e âmbito de práticas. Como campo de conhecimento, a Saúde Coletiva contribui com o estudo do fenômeno saúde/doença em populações; investiga a produção e distribuição das doenças na sociedade como processos de produção e reprodução social; analisa as práticas de saúde (processo de trabalho) na sua articulação com as demais práticas sociais; procura compreender, enfim, as formas com que a sociedade identifica suas necessidades e problemas de saúde, busca sua explicação e se organiza para enfrentá-los”. (p.62)

Por conta das iniciativas públicas muito tem se tentado em um curto período de tempo. Vários estudos foram realizados, simpósios, congressos nacionais e internacionais. A Aids não só significou uma revolução no campo da saúde, mas também conseguiu mobilizar as mais diversas reflexões sobre a ética, crenças, valores e comportamentos individuais e relacionais.¹¹⁶

Nesse aspecto, toda sociedade precisa estar mobilizada no enfrentamento da epidemia, passando a visualizar a Aids como um problema de saúde. Todo cidadão tem o direito de receber tratamento e de ser respeitado, seja ele no campo da saúde ou da religião.

5. Metodologia

Para compor a metodologia desse trabalho serão empregados três métodos, interrelacionados: entrevistas, mapeamento do mercado simbólico e da rede de produção de sentidos, e análise de discurso. Para o mapeamento, o método será o proposto por ARAÚJO, de identificação das comunidades e fluxos discursivos. Para análise de discurso, será constituído um *corpus* documental e um formado pelos

¹¹⁶ O Mundo da Saúde. Mulheres HIV/AIDS: silenciamento, dor moral e saúde coletiva. Ano 29 v. 29 n.3, São Paulo, 2005.

depoimentos obtidos nas entrevistas. As entrevistas serão feitas com os membros das igrejas e seguirão um roteiro semi-estruturado.

5.1. Mapeamento do Mercado Simbólico

Esta pesquisa parte de um mapeamento prévio dos sítios que compõem o mercado simbólico da Aids dentro das igrejas evangélicas. Foram identificados:

- Grupo do poder público: MS, PSF, SES e SMS.
- Grupo religioso: pastores, amigos da igreja, ONGs e a própria Bíblia.
- Grupo de mídias: rádio, TV, Internet, revistas e jornais.
- Grupos acadêmicos: escolas e universidades.

A partir do trabalho de campo, das entrevistas e da análise dos discursos, será feita uma análise detalhada dos sítios, com a finalidade de:

- Contextualizar os discursos de cada grupo.
- Contextualizar a representação da rede de sentidos e atitudes que dificultam ou contribuem na questão da Aids dentro das igrejas Evangélicas.
- Analisar o conhecimento sobre a doença: desinformação, nível de instrução e escolaridade.
- Análise de materiais: conteúdo, linguagem, apropriação de sentidos.
- Meios usados para divulgação e circulação de materiais entre todos os grupos.
- Projetos e ações sociais sobre a Aids: produção, meios de comunicação de massa e estratégias.
- Receptividade e acolhimento aos portadores de HIV/Aids.

Ao final, um novo mapa será construído com o objetivo de identificar a real posição que cada comunidade ocupa nesse mercado simbólico, e definir fatores de mediação que estabelecem o fluxo de informações capazes de garantir uma posição privilegiada aos interlocutores presentes dentro desse espaço.

5.2. Mapeamento dos sentidos sobre a Aids nas Igrejas Evangélicas

Serão mapeados os sentidos atribuídos à Aids no âmbito das Igrejas que compõem o corpus da pesquisa. Ao final da pesquisa, os sentidos predominantes serão ilustrados em um único mapa. O primeiro mapa, apresentado no item 3, foi

construído com base no universo pesquisado até aqui e servirá como ponto de partida. Cada conceito ou atitude ali arrolado será confirmado ou não, com base nas entrevistas e análise dos discursos e outros poderão ser incluídos.

5.3. Entrevistas

Serão realizadas entrevistas com líderes e membros das Igrejas, buscando obter sua percepção. As entrevistas seguirão um roteiro prévio, sendo de natureza semi-estruturada. O roteiro encontra-se em anexo.

5.4. Análise de Discursos

Esse processo se dividirá em duas partes. Na primeira, serão analisados os discursos produzidos pelas igrejas evangélicas e por seus membros sobre a Aids, identificando as textualidades e intertextualidades presentes no discurso.

Para essa análise serão contempladas as Igrejas dos principais segmentos que já desenvolvem trabalhos sobre a Aids ou que, possuem maior concentração de sedes e abrangência na mídia:

- Universal do Reino de Deus.
- Assembléia de Deus.
- Ministério Apascentar de Nova Iguaçu.
- Igreja Metodista.

A segunda parte será feita de uma análise do *corpus* documental e das entrevistas realizadas. O *corpus* documental será composto de:

- Materiais distribuídos nas Igrejas.
- Pregações gravadas durante os cultos promovidos pelas Igrejas ou membros.

6. Cronograma das atividades

Este trabalho tem como meta ser desenvolvido como projeto de mestrado, onde temos como parâmetro o período de dois anos. Durante esse período, as tarefas serão realizadas simultaneamente com as atividades previstas pelo curso. O

cronograma poderá sofrer alguma alteração devido às necessidades que possam surgir com outras categorias de análise.



LEGENDA

- A REVISÃO BIBLIOGRÁFICA
- B MAPEAMENTO DE TODOS OS SÍTIOS
- C PESQUISA DE CAMPO
- D ENTREVISTAS E GRAVAÇÕES
- E COLETA DOCUMENTAL
- F ANÁLISE DE DOCUMENTOS E TEXTOS
- G CONSTRUÇÃO DE NOVOS MAPAS DO MERCADO SIMBÓLICO E DA PRODUÇÃO DE SENTIDOS
- H ESCRITA DA DISSERTAÇÃO

7. Referências Bibliográficas

ARAÚJO, I. S. A conversão do olhar: prática discursiva e produção de sentidos na intervenção social. São Leopoldo, RS, Ed. UNISINOS, 2000.

ARAÚJO, I. S. Materiais educativos e produção de sentidos na intervenção social. Niterói, 2003.

ARAÚJO, I. S. Razão Polifônica: a negociação de sentidos na intervenção social in Revista Perspectiva em Ciência da Informação. Belo Horizonte, MG: v.8, p46-57, 2003.

ARAÚJO, I. S.; Mercado Simbólico: interlocução, luta, poder. Um modelo de comunicação para políticas públicas. In Revista Interface v.8, n. 14, set. 2003-fev. 2004.

ARAÚJO, I. S.; CARDOSO, Janine Miranda. Comunicação e Saúde. Rio de Janeiro, Ed. FIOCRUZ, 2007.

AZEVEDO, Israel Belo de. No Princípio Deus: Em defesa da Fé e da razão. Rio de Janeiro, MK editora, 2007.

BOURDIE, Pierre. O Poder Simbólico. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2007.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. São Paulo, Edições Loyola, 1996.

NETO, Antônio Fausto. Mídia Impressa: estudo sobre a Aids. São Paulo, Hacker Editores, 1999.

KOINONIA. A Aids e Igrejas: um convite à ação. KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço: programa saúde e direitos – Projeto Aids e Igrejas. Rio de Janeiro, 2005.

KREEFT, Peter; TACELLI, K.Ronald. Manual de defesa da Fé: apologética cristã – 100 respostas para questões cruciais. Editora Central Gospel, Rio de Janeiro, 2008.

PAIM, Jairnilson Silva. Saúde Coletiva: campo científico e âmbito de Práticas. *In A crise da Saúde Pública e a Utopia da Saúde Coletiva*. Salvador, Casa da Qualidade Editora, 2000, p.59-71.

PARKER, R. Na contramão da Aids: sexualidade, intervenção, política. Rio de Janeiro, Ed. Jorge Zahar/Abia, 1997.

PINTO, Milton José. Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos. São Paulo, Hacker Editores, 2002.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Discurso e Poder: a contribuição barthesiana para os estudos de linguagem. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. Rio de Janeiro, 2005, p. 80-93.

TEIXEIRA, Paulo R. Apresentação do Boletim Epidemiológico de Aids. www.Aids.gov.br, novembro de 2007.

Eclésia. A Aids assusta as Igrejas. Ed. 119, ano 11. São Paulo.

O Mundo da Saúde. Mulheres HIV/Aids: silenciamento, dor moral e saúde coletiva. Ano 29 v. 29 n.3, São Paulo, 2005.

Saber Viver: uma revista para quem vive com o vírus da Aids. Ano 3, n.24, p.12-15. Rio de Janeiro.

Boletim ABIA – Ação Anti-Aids: boletim n.48. Set.2002. Encarte Brasil, p.4

ABIA – Projeto Aids e religião.

Meio Eletrônico

<http://daladier.blogspot.com/2006/07/simpso-Aids-e-religio-by-gedeon.html> (acesso em 05.12.07)

www.lia.ufsc.br/JAF1.ppt (acesso em 10.12.2007)

www.Aids.gov.br/data/Pages/LUMIS4A27BE0APTBRIE.htm (acesso em 16.12.2007)
www.mre.gov.br/portugues/noticiario/nacional/selecao_detalhe3.asp?ID_RESENHA=337085 (acesso em 03.03.08)

www.gospelmais.com.br/noticias/1270/presidente-lula-afirma-que-nao-fara-do-catolicismo-a-religiao-do-pais.html (acesso em 10.03.08)

www.solascriptura-tt.org/Seitas/Pentecostalismo/PentecostaisNeoPCarismaticos-GilbertoStefano.htm (acesso em 18.03.08)

www.bmgil.tripod.com/av33.html (acesso em 18.03.08).

www.Aidsmap.com/cms1188441.asp (acesso em 20.01.2008)

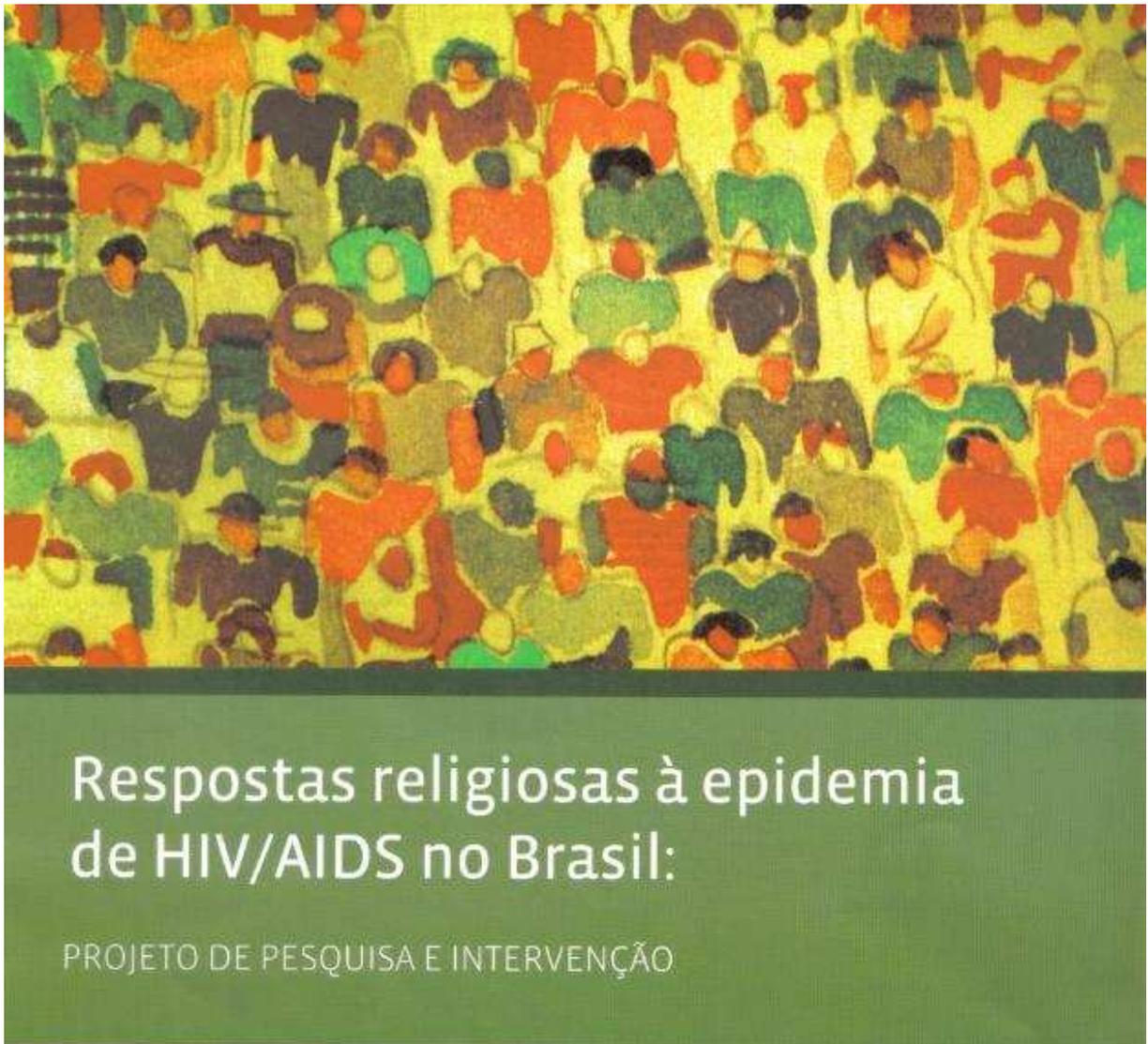
www.um.es/eglobal/9/09f01p.html (acesso em 17.01.2008)

<http://dtr2004.saude.gov.br/susdeaz> (acesso em 24.03.08)

<http://www.Aids.gov.br> (acesso em 24.03.08)

ANEXOS

Anexo I - Associação Brasileira Interdisciplinar da Aids. Respostas religiosas à epidemia de HIV/Aids no Brasil: Projeto de Pesquisa e Intervenção.



Anexo II - Bráulio

Cliente: MINISTÉRIO DA SAÚDE

Campanha: Carnaval

Ano de veiculação: 1995



www.Aids.gov.br



www.Aids.gov.br



www.Aids.gov.br

Anexo III – O Diabo e o Anjo

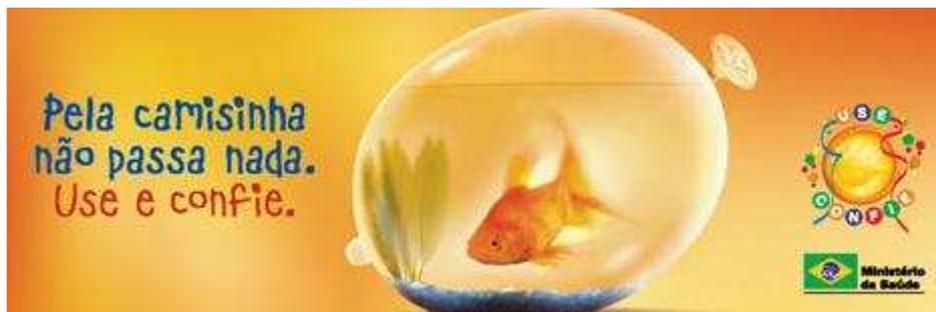
Cliente: MINISTÉRIO DA SAÚDE
Campanha: Carnaval
Ano de veiculação: 2001



www.Aids.gov.br

Anexo IV – “Pela camisinha não passa nada. Use e confie”

Cliente: MINISTÉRIO DA SAÚDE
 Campanha: Carnaval
 Ano de veiculação: 2004



www.Aids.gov.br



www.Aids.gov.br



www.Aids.gov.br

Anexo V – Com esta roupa eu vou!

Cliente: MINISTÉRIO DA SAÚDE

Campanha: Carnaval

Ano de veiculação: 2005

